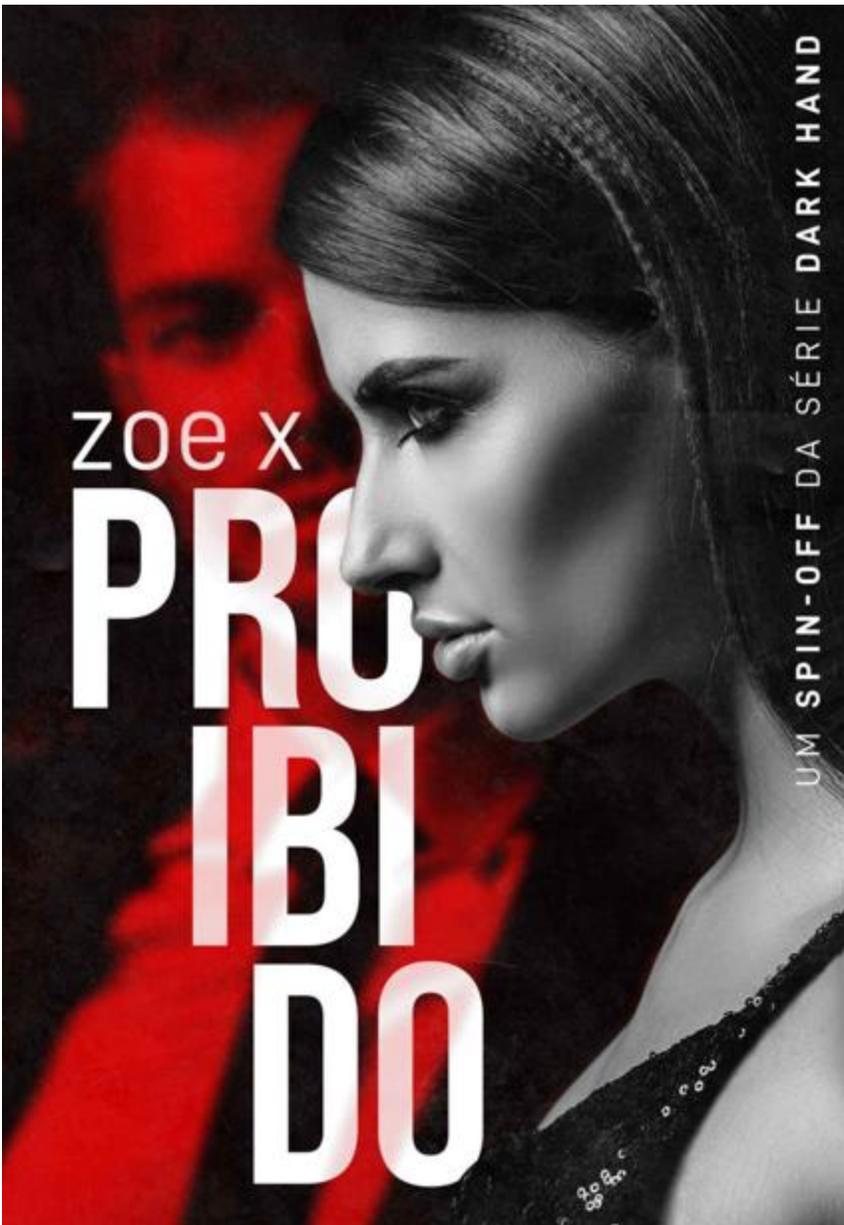


zoe x

# PROIBIDO

UM SPIN-OFF DA SÉRIE DARK HAND



Proibido

*Um spin-off da série Dark Hand*

Zoe X

**Copyright ® 2019 Zoe X**

Título: Proibido

Autora: Zoe X

Série Dark Hand – Spin-Off

Revisão gramatical: Gabriel Marcos

Capa: Will Nascimento

Diagramação (eBook): Will Nascimento

## Sinopse

Madelaine Marie Le Roux, agora Petrowký, está sufocada. No auge de seus vinte anos, presa em um casamento tão frio quanto o país para o qual se mudou, Madelaine só tem uma certeza: ela precisa de mais.

O marido a ama, e o império que eles comandam é enorme e rico, ela sempre soube. Porém não há nada que possa aplacar sua vontade de viver uma vida cheia de emoções.

Leonel Luppolo conquistou tudo com muito esforço, contudo não pode negar que seu casamento é o responsável pelo título que ele agora carrega. O Don da Dark Hand tenta de todo jeito ser um bom marido, um bom pai e um homem de honra dentro da Família, mas tudo isso desmorona quando Madelaine cruza seu caminho.

## Aviso!

Este é um romance Dark contemporâneo, nada tradicional.

Ele contém assuntos polêmicos, incluindo temas de consentimento questionável, agressão física e verbal, linguagem imprópria e conteúdo sexual gráfico.

Esta é uma obra de ficção destinada aos maiores de 18 anos.

A autora não apoia e nem tolera esse tipo de comportamento.

Não leia se não se sente confortável com isso, pois nesta leitura você não encontrará um príncipe encantado ou uma história de amor perfeita.

Atenciosamente,

A autora

Capítulo Um

*“A dama de vermelho está dançando comigo De rostinho colado —*

*Não há ninguém aqui,*

*Apenas você e eu —*

*É onde eu quero estar...*

*Mas eu mal conheço essa bela ao meu lado.*

*Nunca esquecerei sua aparência esta noite.”*

**THE LADY IN RED**, Chris De Burgh

## 15 de julho de 1993

O calor. Ah, o calor!

Fechei os olhos e tombei a cabeça para trás, agradecendo por poder usar vestido de mangas curtas novamente. Meu corpo estava sedento por isso.

— Venha para dentro, Mad. Sabe que não é uma boa ideia ficar aí fora, seu marido pode se arrepender a qualquer hora do que está fazendo. Nem eu acredito que ele te deixou vir nesta viagem. E

se você se machucar por causa dessa exposição toda, sabe que seu pai terá problemas.

A voz de Veridiana, minha melhor amiga durante toda a vida, soou preocupada, e eu me segurei no parapeito da pequena varanda, respirando fundo e aspirando mais um pouco o ar da cidade grande.

Nova Iorque era tão bonita! As memórias que eu guardava dos meus seis anos de idade não lhe faziam justiça.

Abri os olhos, dando uma última conferida na paisagem cheia de prédios, e me rendi ao pedido de Veridiana.

— Faz tempo que não me sinto tão bem assim — confessei ao entrar no quarto, mantendo as portas da varanda bem abertas.

— E Bóris sabe que eu precisava disso, ou então deixaria todos naquela casa loucos, incluindo ele. Você não faz ideia de como sofri nos últimos dois anos. — Larguei-me sobre a poltrona, tirando os pés dos sapatos e apoiando-os sobre a

mesinha de centro. — Me deixar vir para Nova Iorque foi o maior e melhor presente que meu marido podia ter me dado — concluí, com toda a certeza de que aquela temporada seria a melhor.

— Eu aposto que sim. — Veridiana me imitou, colocando os pés junto dos meus sobre a mesa e exibindo a meia-calça clara, idêntica à que eu usava. — Mas será que você está pronta para tudo isso? Quero dizer, representar sua nova Família perante a Dark Hand... É assustador, não?

— Cresci no meio dessa gente, Veridiana. — Rolei os olhos com tanta vontade que senti as pestanas tremerem. — E não é diferente para você, filha de um conselheiro tão fiel. Sabe mais do que eu sobre essa parte do negócio.

— Não sou eu quem está casada com o dono-da-porra-toda.

— ela falou, com um sorriso atrevido nos lábios. Ri sem jeito, deitando a cabeça no encosto da poltrona. — Mal posso esperar para que meu pai libere minha mão. — O tom esperançoso da minha melhor amiga me fez fechar os olhos novamente enquanto suspirava e mordiscava os lábios. Se ela soubesse a verdade sobre casamentos, com toda a certeza sairia pulando de alegria por aí.

— Nem tudo são flores, Veri — falei baixinho quando finalmente tive coragem, mas ela não me ouviu, já estava entretida com a garrafa de champanhe que haviam deixado no quarto para a nossa recepção.

E que tipo de amiga desmancha-prazeres eu seria se a tirasse daquela doce ilusão, da qual eu também havia sido cativa?

O telefone do quarto tocou duas horas depois da nossa chegada, e eu sabia quem era. Sabia que ele viria com

alguma

desculpa por não ter ligado antes, mas eu o perdoaria, porque Bóris sempre seria meu refém, tanto quanto eu era refém dele.

— Espero que eu não esteja atrapalhando nada — ele disse, nitidamente chateado pela minha decisão de ir para Nova Iorque quando ele não poderia me acompanhar.

— *Mon chéri*, como vai você? — Ignorei o drama de Bóris e conduzi o assunto numa direção diferente. — Aqui está calor, acredita? Senti tanta falta disso! Ainda bem que vim no verão, e não no outono.

— Estou bem, sinto por não ter ligado antes, Marie. — Ele amava me chamar pelo meu segundo nome. No começo, eu adorava ouvir, mas já há algum tempo isso não me causava nenhum frio na barriga. — E a viagem? Foi agradável?

— Perfeitamente agradável — ri fracamente, percebendo já tê-lo amansado. — Veridiana está dormindo no quarto ao lado.

Acertaram na reserva do hotel, portanto você deveria agradecer-lhes. Ou, se achar melhor, posso fazê-lo amanhã.

— Faça isso, mas siga o protocolo. Agradeça em meu nome.

Eu jamais passaria por cima da autoridade do meu marido.

— Como quiser. Como vai Olga? — perguntei sobre minha dama de companhia, a única amiga que eu tinha naquela terra gelada; era ela quem me ensinara o russo cheio de sotaque que eu costumava falar quando o noivado com Bóris fora estabelecido aos meus quinze anos.

— Sente sua falta, mas se distrai cuidando da casa, preparando-a para sua volta. Volta essa que eu espero não tardar, Marie. Sabe que não confio nessa gente.

Aquele tom desconfiado dele nunca mudava. Bóris suspeitava até da própria sombra e, por todo o histórico russo, não conseguia disfarçar quão incomodado estava por eu ter decidido visitar a América.

— Não se preocupe, *mon chéri*. Volto antes do que imagina, sabe que a temporada de eventos de verão não vai durar para sempre. Além disso, é uma honra que você me tenha aqui. Quem sabe eu não ajude com seus negócios sendo amistosa? — Mantive a voz dócil, tentando acalmar meu marido inseguro.

— Não há nada que eu possa falar que vá fazer você voltar mais cedo, não é? — ele riu, dando-se por vencido. — Está bem, esposa. Só se divirta. Sabe que deve me ligar caso haja qualquer problema, não? Foi o acordo: deixar a segurança da Dark Hand sobre você e sua amiguinha francesa. Eu espero que eles o cumpram.

— Meu pai confiou, querido. Confie você também.

Esse argumento o dobrou. Meu pai, Saymon Le Roux, jamais me colocaria em risco.

— Certo. Amo você, Marie. Já sinto sua falta.

— Eu também o amo, *chéri*. — Quem me ouvisse confessar daquela forma não acreditaria que dentro do meu coração a incerteza era uma nuvem pesada e carregada de uma brava tempestade. — Eu o amo.

— Então vá dormir e sonhe comigo — ele pediu antes de se despedir. Assim que bati o telefone na base, olhei para o

céu ainda claro do lado de fora, sabendo que não havia como sonhar com outra coisa que não fosse liberdade.

∞ ∞ ∞

Estávamos atrasadas e a culpa não era minha.

Veridiana tinha insistido em usar um vestido que estava apertado demais, e, assim que se sentou, o zíper se arrebitou. Agora eu estava ao lado dela, consolando-a um pouco sem paciência.

— Se você não fosse tão teimosa e admitisse que não consegue mais entrar nessas roupas, nós já estaríamos na festa, no horário marcado.

— Não quero mais ir — ela fungou.

— Nem sonhe com isso! Vamos, levante-se daí. — Coloquei-a de pé, puxando Veridiana pelos braços. Vendo de perto seus olhos castanhos com a maquiagem arruinada, tentei remediar a situação.

— Tenho um vestido sobrando que ficará perfeito em você. É até melhor, porque aí não entraremos como pares de vaso na festa.

Todos apontariam para as francesas de vermelho, isso não seria nada agradável.

— Não é vermelho, é rosa — retrucou, mas estava claramente animada com a ideia de usar uma roupa minha.

—

Posso experimentar seu vestido verde? — Ela abaixou o olhar por um segundo e abriu um pequeno sorriso,

interessada. — Acho que ele caberá em mim e combinará com as joias que trouxe.

Eu ri, balançando a cabeça de forma positiva, enquanto ela caminhava feliz da vida em direção ao armário.

Virei-me para o espelho, querendo confirmar os últimos detalhes antes de sair daquele quarto. O vestido sereia de cetim vermelho tinha pequenos brilhantes que adornavam minha cintura e combinavam com as luvas brancas que iam pouco além dos cotovelos. Meu cabelo estava preso em um coque alto para exibir no pescoço as pedras que meu marido havia me dado logo depois de nosso primeiro encontro; eu as toquei, com saudade daquela empolgação quase incontrolável que sentira ao ganhar a joia.

— Estou pronta! — Veridiana falou, como se não tivesse feito todo o drama de minutos atrás, e eu apenas abri a porta do quarto para dizer ao soldado que cuidava de nós que estávamos prontas para o aniversário do conselheiro da Dark Hand.

Ao entrar no elevador com Veridiana, sorrindo como ela, senti o primeiro frio na barriga da noite. Aquela sensação que eu não sentia há tempos se apoderou de mim com firmeza — minha pequena dose de liberdade, tão doce quanto qualquer vinho que eu já havia provado.

∞ ∞ ∞

Toda a alta sociedade parecia estar reunida ali.

As mulheres pareciam estar em um concurso de beleza. E

naquele mar de cabelos bem-escovados, unhas bem-feitas, enormes joias chamativas e vestidos pomposos, pensei que meu traje poderia ser considerado simples.

Mesmo assim, nada me abalaria. Eu sabia quem era, tinha total consciência da minha beleza, bem como a certeza de que, se aparecesse nua ali, ainda seria mais valiosa do que qualquer outra mulher naquele salão.

— Elas são tão... — Veridiana não escondia sua insegurança.

— Engula isso. — Virei-me para ela, com o olhar firme. —

Não se atreva a demonstrar medo aqui, você sabe como funciona.

Se quiser ir embora mais cedo, vá, mas não arruíne minha noite, por favor — ordenei sutilmente. Ela juntou os lábios cobertos por um batom cintilante e concordou com a cabeça. — Ótimo. Venha. —

Peguei a mão dela e segui com passos firmes até o final do corredor, parando no alto da escada e observando o salão cheio de gente que conversava, dançava e bebia.

— Madelaine? — uma voz masculina me chamou. Virei-me lentamente para ver quem era.

Quando o fiz, reconheci Carlo Callegari, o conselheiro da Dark Hand. Um belo cinquentão de olhos verdes e sorriso cativante que, como todo bom italiano, veio me cumprimentar com beijos nos dois lados da face.

— Carlo, que prazer revê-lo! — Sorri para o homem do modo mais gentil que podia. Eu o tinha visto aos doze ou treze anos, não me lembrava com exatidão, mas ele havia nos visitado com sua mulher e seu filho. — Bóris lamenta muito não poder estar presente, mas agradeceu o convite, e eu vim para representar minha Família.

— E vejo estar fazendo um belo trabalho, cara mia. Está belíssima!

— Obrigada. — Os elogios não me compravam, mas eu sabia parecer afetada. — Seu presente já foi enviado. Espero que aprecie, foi meu marido quem escolheu. — Pisquei, flertando inocentemente antes de incluir Veridiana na conversa. Logo eu descobriria qual tom deveria manter nessa noite.

Por conta do atraso, o próprio conselheiro nos guiou até a mesa onde deveríamos nos sentar. Agradei quando me vi no meio da Dark Hand.

Cada par de olhos estava sobre mim quando Carlo puxou a cadeira para que eu me sentasse. Todos estavam atentos ao que poderia sair da minha boca. E em cada um dos rostos curiosos, eu podia notar emoções que aprendi a identificar desde cedo. Inveja, desejo, respeito e fascinação.

A família Callegari tratou de se apresentar. Foi me situando a respeito de cada um dos membros do clã ítalo-americano, mesmo que Bóris já tivesse me contado sobre eles.

Ao nosso lado estavam os Lazzarin, Agostino, Albert e Alessandro, os três irmãos texanos, donos de um negócio promissor de armas e bebidas.

A esposa de Agostino, Vicenza, tinha os olhos na pequena menina loira adormecida em seus braços, enquanto o outro filho, Felippo, encarava-me da outra mesa sem esconder sua curiosidade.

Albert tinha quatro filhos: três garotos e uma menininha, que vi passar de colo em colo pela mesa. A esposa não estava em canto algum.

Alessandro não tinha ninguém, mas parecia se entrosar muito bem com as famílias dos irmãos. Tirei os olhos da mesa ao lado, antes que Rita pudesse continuar a me situar sobre a Dark Hand.

Foi assim que eu o vi.

Sua atenção já estava sobre mim há algum tempo, e havia algo diferente em seu olhar. Era interesse? Eu sabia quem ele era, mas a foto que Bóris havia me mostrado não lhe fazia justiça nenhuma. Dono de um nariz italiano característico, seu rosto, de maxilar marcado e barba por fazer, escondia um sorriso provocador.

Seus olhos castanho-escuros, sob sobrancelhas grossas, não pareciam dispostos a me libertar daquela troca visual. Foi naquele breve segundo, invisível aos demais, que Leonel Luppolo, o Don da Dark Hand, fez meu corpo se arrepiar — e o frio na barriga tão desejado, aparecer.

Atordoada, desviei o olhar quando percebi que poderia ser pega, mas ele não parou de me olhar. Acompanhei pela visão periférica seus passos virem firmes em direção à minha mesa.

— Achei que os franceses tivessem melhores hábitos quanto a horários.

Leonel apoiou as mãos atrás da cadeira de Rita, olhando para mim com um ar divertido, provocando-me abertamente na frente de todos.

Demorei alguns segundos para tirar os olhos da mesa e encará-lo, mas, quando o fiz, não recuei.

— E ouvi dizer que os homens italianos eram verdadeiros cavalheiros. Talvez ambas as informações sejam

completamente falsas. Pobres de nós, não? — respondi, notando-o intrigado, enquanto ele passava lentamente a língua pelo lábio inferior e o mordia.

Leonel inflou o peito e me encarou por mais alguns segundos em um silêncio constrangedor. Eu não me rendi dessa vez, mantendo meu olhar no dele por quanto tempo fosse preciso até que ele ficasse desconfortável, o que não aconteceu.

— Acho que a vida na Rússia está te transformando, Madelaine. É a convivência com Bóris que tem te feito assim?

Como ele ousava supor que conhecia algo de mim a ponto de dizer que eu vinha me transformando?

— Tenho certeza de que há algo errado nas informações que recebeu, Don. — Deixei claro que sabia com quem falava, dosando meu tom para que a provocação soasse inocente, ciente de que todos estavam a ouvir. — Diz a lenda que homens russos nascem já adultos, vindos do gelo, mas as francesas? — Desviei o olhar para Veridiana por um segundo antes de voltar a encarar o italiano. —

Dizem que nascemos do fogo, com todas as malícias que o inferno pode ensinar. — Ouvi algumas risadas. O tom de brincadeira que usei trouxe leveza ao ambiente novamente, mas meu olhar sobre Leonel demonstrava que eu não estava brincando e que minha idade não era uma abertura para que ele aproveitasse.

Meu marido havia me alertado, eu não devia confiar em ninguém ali, não de verdade.

— Aposto que sim — ele disse quando as risadas pausaram.

—, ainda mais as ruivas, não? — Leonel provocou de novo o frio no meu estômago, deixando-me extremamente incomodada dessa vez.

Eu não gostava que tal sensação fosse causada pelo homem por quem meu marido tinha tanta antipatia. — Nos vemos depois,

francesinha. Aproveite a festa. — Ele piscou, logo marchando em outra direção.

Por mais aturdida — e ligeiramente constrangida — que eu estivesse, deixei toda a situação de lado assim que o garçom serviu o jantar.

∞ ∞ ∞

Depois de já estar familiarizada com os rostos da Dark Hand e de ser tão bem recebida pelas mulheres gentis, conversei as frivolidades de que tanto sentia falta. Um pouco depois do jantar, vi todos os casais se levantando e indo para a pista de dança.

Apenas a Dark Hand estava dançando, e, involuntariamente, eu o procurei.

O Don dançava com uma mulher morena que eu não sabia quem era. Achei estranho, pois não se parecia nada com a esposa loira que eu havia visto em fotos.

Aguardei, assistindo da minha cadeira, enquanto todos eles se sincronizavam. Fiquei surpresa ao ver Carlo, o conselheiro, vindo na minha direção quando ainda mais casais se juntaram à pista de dança.

— Pode me dar a honra? — O italiano me ofereceu sua mão, e eu a aceitei, sorrindo de bom grado por poder ir viver o

que eu tanto queria.

Fui com ele para a pista de dança. Carlo começou a me guiar pelo salão. Eu sabia que os olhares curiosos estavam sobre mim.

— Espero que não esteja entediada. — Seu tom amigável me tranquilizava.

— Não estou, nem de longe. Juro. — Sorri abertamente. —

Na verdade, preciso confessar que estou adorando.

— É bom saber. Tenho cuidado de tudo para que sua estadia seja boa, Madelaine. Quem sabe assim você não possa conversar com seu marido? Dizer-lhe quão boa é a nossa Família e quão vantajoso negociar conosco será para ele?

— É claro que sim! Ainda mais se vocês garantirem mais temporadas como essa.

O sorriso que Carlo me deu era de quem estava convencido do meu falso deslumbramento.

— Seu marido foi relutante em deixar você vir, não? O que o convenceu?

Respondi com uma única palavra:

— Papai.

Carlo riu.

— Devia ter imaginado. Saymon é um bom amigo.

— E espero que se mantenham assim por muitos e muitos anos. — Girei, guiada pelo conselheiro, voltando para

colocar uma das mãos em seu ombro, mas não alcancei meu alvo.

— Me daria a honra? — O toque em minha mão era *dele*, e mesmo tendo a luva separando nossa pele, meus dedos formigaram.

— Rejeitar o Don seria falta de educação, não? — respondi, antes que Carlo dissesse qualquer coisa. O conselheiro me soltou.

Eu queria dançar com ele, queria saber mais dele, e não resisti ao convite.

— Madelaine, é muito bom vê-la tão crescida. Espero que a temporada seja do seu agrado. — O conselheiro fez uma pequena reverência, tão respeitosa que me fez realmente considerar ligar para Bóris cheia de elogios sobre os italianos, e me liberou para que o Don assumisse seu lugar.

Leonel colocou a mão em minha cintura com firmeza, fazendo-me sentir seu perfume forte e marcante à medida que se aproximava, e acolheu minha mão erguida para dar ritmo à valsa que começava. Parecia surpreso por eu segui-lo tão bem.

O rosto próximo de mim mantinha o pequeno sorriso provocador. Os olhos curiosos me encaravam à procura de algo.

— Achei que garotas da sua idade gostariam mais dessas novas bandas do que do clássico — ele comentou, com um ar de desdém que me fez segurar a respiração por um curto segundo antes de formular uma boa resposta.

— O que espera de garotas da minha idade, senhor?

Ele riu brevemente ao ouvir a inclinação na palavra senhor.

— Não sou tão mais velho que seu marido, Madelaine. Bóris tem o quê, trinta e cinco?

— Sete — corriji. — Bóris tem trinta e sete anos.

— É, o gelo deve conservar muito bem o homem para acompanhar seu ritmo — zombou, e eu ergui as sobancelhas, não entendendo onde o Don queria chegar com aquele tipo de provocação.

— Está sugerindo o quê, exatamente?

— Só acho que dezessete anos é uma diferença considerável de idade, mas se o amor os mantém assim, que dure eternamente, certo? — Ele me girou, pegando-me logo em seguida.

— Bóris é um homem moderno para a idade, o senhor não entenderia — respondi, assim que fiquei frente a frente com ele. —

Mas acredito que sua esposa também seja mais nova, não?

— Fiama tem vinte e sete, e dois filhos. Quando o Don russo pretende começar sua produção de herdeiros?

— Não acha essa pergunta inconveniente, Don Luppolo?

— Apenas interesses futuros, Madelaine — sorriu. — Pense, tenho dois filhos homens, um com quase dez, outro com seis. Se a diferença de idade entre vocês é grande assim, mesmo que você não tenha uma menina por algum tempo, um dos meus filhos ainda pode ser o laço de uma aliança forte entre nós. Já pensou no tamanho do império que teríamos?

— Então você tem interesse nesse tipo de aliança? Um casamento entre nossas famílias? Um americano e uma russa... —

precisei rir, e tive certeza de que ele encarou aquilo como deboche.

— Me desculpe, Don, mas acredito que Bóris não o faria, a menos que vocês tivessem muito a oferecer em troca. E sabemos que a Dark Hand está em crescimento, logo depois de toda a confusão que aconteceu por aqui.

— E o que você sabe dessa confusão? — Ele estava intrigado.

— Apenas o que os jornais noticiaram — fiz-me de besta. —

A matança entre as máfias e o fim de famílias poderosas não passaram despercebidas a ninguém, nem mesmo à esposa jovem

demais do Don da Bratva. — Sorri de forma doce, sabendo que Leonel agora entenderia, de uma vez por todas, que eu não era apenas um rosto bonito.

— Esperta, francesinha. Mas se não fosse esse banho de sangue, a Dark Hand não teria tido a chance de organizar tudo.

Temos aqui dentro todas as Famílias restantes, e não há nenhuma confusão, ou há?

— Foi um bom trabalho, não nego. E parabênizo o senhor por mantê-los no cabresto, mas sobre a proposta de casamento que faz ao meu útero vazio, sinto informar que não é tudo tão simples. A Bratva não segue os preceitos nossos, você sabe, não? Se eu parir um filho homem, ele só

será o chefe caso seja tão bom quanto o pai. Se for uma garota, dificilmente os russos se curvarão a um forasteiro — falei, sem demonstrar a dor que sentia pelo segredo que precisava guardar a sete chaves.

— E você não acredita no poder das mulheres de comandar?

Achei que essa história de feminismo e queima de sutiãs faria de vocês mais avançadas.

Seu sarcasmo não me afetou.

— Não seria assim tão fácil, a Bratva não é a única máfia que disputa território.

— Nós sabemos. Mas também sabemos que seu marido poderia mudar as regras do jogo, já que vocês obteriam muita vantagem de uma aliança comigo e com os meus.

— Não sei se ele estaria disposto. — Joguei a isca e esperei.

— Mas poderia fazê-lo ficar, não?

O maldito jogo de interesse.

— Talvez... Tudo vai depender de como essa temporada vai acabar — falei assim que a música terminou, ainda com o corpo junto ao dele, sentindo-me quente por conta do coração acelerado e sabendo que isso não era causado apenas pela dança, mas também pelos olhos castanhos que me encaravam como se me vissem nua.

— Então, que essa seja a melhor temporada de todas. — A promessa foi feita próximo demais do meu rosto, causando um tremor indevido dentro de mim.

As palmas que se seguiram me obrigaram a afastá-lo para aplaudir também, mas nem por um segundo pude tirar os olhos de Leonel Luppolo e de seu sorriso provocante, cheio de certezas questionáveis naquela noite.

Mal sabia ele que do meu útero não sairia criança alguma.

Voltei para o hotel com Veridiana tagarelando sobre dançar com Lorenzo Ferioli, o filho de um capo italiano. Como eu poderia acabar com a empolgação dela se também sentia aquilo? De forma imprópria e incerta, não conseguia tirar Leonel da cabeça, nem por um segundo sequer.

Capítulo Dois

*“A cada suspiro que você der,*

*A cada movimento que você fizer,*

*A cada laço que você romper,*

*A cada passo que você der,*

*Eu estarei observando você.”*

**EVERY BREATH YOU TAKE**, The Police

Estava deitada com o travesseiro sobre o rosto, arrependida por deixar a luz da manhã me acordar, quando o telefone tocou.

Eu sabia quem era.

— *Bonjour, chéri. Bonjour* — cumprimentei Bóris e ouvi seu riso fraco do outro lado.

— Bom dia, esposa. Como vai?

— Cansada e com os pés doloridos de tanto dançar —

confessei em uma voz manhosa, ainda com o travesseiro sobre os olhos.

— Imagino que tenha se divertido.

— Muito. Os italianos sabem como dar festas, você deveria estar aqui para ver.

Com muito custo, suspirei, tomando coragem para me sentar.

— Conte-me mais disso.

— Veridiana rasgou seu vestido e precisei emprestar um dos meus para ela, acredita? Por causa disso, nós chegamos um pouquinho atrasadas. Ainda assim, o conselheiro da Dark Hand nos recepcionou, mesmo sendo ele o anfitrião, e agradeceu sua gentileza em ter me permitido vir. Ele também lamentou por você não estar aqui, *chéri* — Bóris não falou nada, portanto continuei: —

Nós nos sentamos com a família do conselheiro, e fui apresentada a todos, inclusive ao Don. O homem está muito interessado em nós.

— Eu não falaria sobre toda a provocação que Leonel havia feito.

Quase ri, lembrando-me de toda a conversa na noite passada. —

Acredita que ele... — Parei de repente. Não queria chatear Bóris com aquilo. Não queria me chatear ainda mais.

Eu já havia me conformado que não teria filhos por causa do problema de Bóris.

— Ele o quê, Marie? Te destratou? — Meu marido, preocupado e atento, notou que algo estava errado.

— Não... — suspirei antes de continuar e, pouco após ter conseguido me sentar, deitei-me novamente. — Ele está tão interessado em você e numa futura aliança que ofereceu os filhos, que têm menos de dez anos, para um casamento...

— Ah... — O silêncio imperou por alguns segundos na linha.

— Eu sinto muito, Marie.

Não ser capaz de produzir um filho parecia ferir Bóris mais do que ele demonstrava. Tentáramos insistentemente desde a primeira noite juntos, mas, depois de meses sem resultados, fomos ao médico e descobríamos que ele não poderia ter filhos, nunca.

Talvez aquilo fosse um dos motivos por que todos os frios no estômago tinham sumido. Eu havia sido preparada para ser mãe durante toda a vida e, no fim, não cumpriria minha função.

— Não sinta — tentei confortá-lo. — Eu me saí bem.

— Nunca duvidei das suas habilidades sociais, Marie. Enrole mais os italianos, veja o que mais eles têm a oferecer.

— Com certeza. A próxima festa da temporada é em um clube de golfe nos arredores da cidade — concordei, soando mais animada do que realmente estava.

Não queria que Bóris ficasse preso no nosso problema, portanto tentava distraí-lo mencionando todo detalhe bobo

e bonito que eu havia visto na festa no dia anterior, bem como o que esperava para os próximos dias.

Depois de uma hora, a estratégia pareceu funcionar, e eu só me despedi dele quando Veridiana entrou no meu quarto.

— *Bonjour* — ela me cumprimentou com os cabelos para o alto, maquiagem borrada e um pijama maior que seu corpo.

Espreguiçou-se e se sentou em uma das poltronas. — Como foi sua noite? Conseguiu descansar?

— Não tanto quanto precisava, mas estou bem. Vamos tomar café na rua? Estou louca para andar por aí — propus, depois de olhar para fora e ver o clima bonito.

— Preciso de um banho primeiro — avisou.

— Somos duas — levantei-me, esticando os membros e me libertando de qualquer resquício de preguiça. Fui até Veri e a obriguei a se levantar. — Mas vamos logo, então. Quero andar tanto quanto puder, nós não vamos ficar aqui para sempre.

∞ ∞ ∞

O clube era enorme. Com o calor que fazia, agradei-me por estar usando meu vestido mais fresco, de frente única, branco, cheio de flores amarelas como estampa.

Cabelo solto, óculos escuros e sandálias de salto grosso completavam o visual escolhido para o dia, e eu precisei me convencer de que toda a ansiedade que sentia se dava por eu comparecer a um evento aberto, não por estar no meio da Dark Hand — ou por saber que *ele* apareceria lá. Na verdade, eu tentava não pensar *nele*, e acreditava que não

dizer seu nome me ajudaria a lidar com aquela sensação inconveniente.

As coisas, no entanto, não estavam saindo como planejado.

Assim que o carrinho de golfe chegou à área reservada para a Dark Hand, pude ver as outras mulheres vestidas de modo muito parecido com o meu, e as crianças finalmente livres, correndo para cima e para baixo.

— Madelaine! Veridiana! — Uma voz que eu ainda não conhecia bem me chamou. Virei-me para encontrar Vicenza de mãos dadas com a garotinha que no outro dia dormia. Ela vestia calças bege, largas, e uma blusa branca mais justa que a deixava deslumbrante. Ela parou bem próximo a nós. — Que bom vê-la novamente. Vicenza Lazzarin, caso não se lembre.

— Claro que nos lembramos. — Sorri gentilmente e a cumprimentei como era o costume deles. — E você, garotinha. Qual é seu nome? — perguntei para a menininha loira que me olhava curiosa, apoiando as mãos nos joelhos.

— Antonella. Por que seu cabelo é assim? — Ela tocou a ponta do meu cabelo.

— É só a cor. Assim como o seu é loiro, o meu é ruivo. — expliquei e vi Vicenza sorrir.

— Deixe-a, Nell — Vicenza ralhou. — Vamos? Estão fazendo um pequeno churrasco lá atrás, antes de tudo começar. — O convite foi para mim e Veridiana, e nós apenas a seguimos. — Está gostando da cidade?

Viramo-nos para a pequena área reservada à Família.

— Amando! Fazia tempo que não aproveitava o verão dessa forma.

— E você gosta do calor? — Os olhos verdes de Vicenza faiscaram de curiosidade quando ela me olhou por sobre o ombro.

— É, essa é a inconveniência de morar em um dos lugares mais frios do mundo, eu sei — admiti, de modo mais dramático.

— Ó, Lorenzo está aqui! — Veridiana não pôde esconder sua empolgação, arrependendo-se assim que apertei sua mão ao lado da minha. — Posso ir cumprimentá-lo? — pedi. Mesmo não querendo que tivessem a impressão de sermos apenas duas garotas deslumbradas, fiz que sim com a cabeça, sabendo que Vicenza observava tudo.

— Interessante... — ela disse, sorrindo com os maiores e mais bonitos lábios que eu já havia visto. — Nell, vá atrás do seu irmão. — Ela soltou a garotinha, que correu pela grama.

Toda a Família estava reunida bem à nossa frente. Eu parei por um breve segundo, procurando-o.

— Eu me casei com a mesma idade que você — Vicenza comentou, obrigando-me a olhar de volta para ela. — E já faz algum tempo desde que isso aconteceu.

— Não temos muita escolha quanto a isso, não é mesmo?

— Pelo contrário — Vicenza replicou, suspirando e voltando a olhar na direção do marido, admirada com a beleza de seu

particular. — Eu o escolhi.

— Vocês formam um belo casal. Eu não tive a sorte de escolher, mas sei que meu pai fez o certo por mim. Bóris é ótimo.

— E ele sabe que a menina com a qual se casou é muito mais esperta do que qualquer outra? Você não me engana, Madelaine. Há muito mais dentro da sua cabeça do que da de sua amiga, por exemplo.

— E como afirma isso com tanta certeza se mal me conhece?

— questionei, não ofendida, mas curiosa.

— Ninguém sábio o bastante se mostraria tão interessado em um rapaz como ela faz, não tão abertamente. E ninguém idiota conseguiria provocar o Don e ainda arrancar risadas da plateia como você fez algumas noites atrás. — Ela abriu um pequeno sorriso. — No final, sabemos quem irá sobreviver.

— Sempre sabemos, não? — concordei, pensando que, se eu precisasse, talvez ela pudesse ser uma boa amiga.

— Agora venha aproveitar suas férias do palácio gelado em que vive com o bom vinho que meu marido trouxe. Duvido que já tenha tomado um melhor — disse ao pegar minha mão e me guiar para o meio das outras mulheres da Família, tão experientes quanto eu.

Conversei com todos os que passaram pela pequena roda perto da mesa dos petiscos, ri das piadas certas, aproveitei as deixas e me mantive atenta a tudo, inclusive à Veridiana, que se aproximava demais do garoto Ferioli. Pelo que haviam me revelado, ele estava quase noivo.

Minha amiga teria seu sonho frustrado mais cedo do que esperado, mas era assim que as coisas funcionavam. O coração, depois de um tempo, virava apenas o órgão que bombeava o sangue, e não o portador do amor eterno.

Foi ao ficar sozinha, afastando-me de todos — depois de ver os homens da Família e seus associados jogarem —, que me encostei em um casebre feito para guardar quinquilharias. Fiquei ali, quieta, com minha taça na mão, vendo as famílias felizes com as crianças correndo para cima e para baixo.

A vida era assim na França, muito diferente da Rússia. E

mesmo tendo me preparado tanto quanto possível, conviver apenas com empregados e soldados me fazia murchar. Olga era a única com quem eu podia conversar, mas sua mente fechada nem sempre me permitia falar tudo o que eu pensava. Sobravam-me livros e filmes, fotos e sonhos. Ali estava eu, liberta pelo marido para respirar durante algumas semanas fora da minha gaiola, sabendo que, em breve, voltaria para casa e teria as asas congeladas novamente.

A sensação de sufocamento era avassaladora, mas eu aguentaria.

Como Vicenza havia dito, eu fazia parte das que sobreviviam.

Pelo menos, esse era o esperado.

— Quem te vê aqui tão longe pode supor que você não está tão feliz, francesinha. — Tomei um susto tão grande ao ouvi-lo próximo a mim que derrubei o vinho branco sobre minha roupa.

— *Merde* — xinguei, tentando me secar.

— Opa. — O tom divertido dele me irritava profundamente.  
—

Use isso. — Ele estendeu um lenço para mim, e eu, tentando ser discreta, sequei entre os seios e esfreguei o vestido. — Pelo menos quem vir você agora vai ter certeza do que sente.

— Você sempre parece muito certo disso, não? — Conferi se estava molhada em mais alguma parte do corpo, sem saber se o pequeno lenço daria conta, e, finalmente, ergui os olhos para ele.

Leonel sorria. Não apenas aquele sorrisinho provocador, mas um sorriso enorme, com dentes à mostra e olhos apertados.

— É porque eu sempre estou certo, francesinha. — Ele pegou o lenço de volta e o enfiou no bolso.

— Se é tão bom assim, conte-me, o que estou sentindo neste momento? — Ergui o queixo, mostrando não estar intimidada.

— Está frustrada. Aposto que tem a ver com sua amiga ter arranjado companhia, e você, não.

Ele mal acabou de falar e eu já tinha o riso pronto, fazendo Leonel assumir um semblante sério e juntar as sobrancelhas.

— Senhor — saboreei a palavra —, eu não me afetaria por tão pouco. Minha própria companhia me basta já faz algum tempo.

Vim para cá apenas para admirar a beleza de sua Família, mesmo que não tenha visto sua esposa até agora. Aliás,

também não me recordo de vê-la na festa de seu conselheiro. Há algo que a impeça de comparecer aos eventos da Família?

— Por que quer saber de Fiama?

Ele não gostava da minha pergunta.

— Por que quer tanto saber o que se passa em minha mente? — confrontei-o.

Encaramo-nos por um longo minuto em silêncio, como dois gatos prestes a brigar. Leonel despertava algo em mim que fazia meu corpo vibrar, mas eu não queria conceber que fosse algo senão ódio. E, sim, eu queria odiá-lo por me fazer ter vontade de tê-lo mais próximo.

Deus sabia o quão fiel eu era aos meus votos, e não seria com Leonel Luppolo que eu os quebraria, não mesmo!

— Meu Deus! — Alguém gritou da área em que as famílias se confraternizavam, e eu observei o tumulto, sabendo que Leonel não tirava os olhos de mim.

— Alguém chame um médico! — Ouvi uma voz masculina exclamar.

Dei um passo na direção da multidão, mas antes que pudesse fazê-lo, o Don me pegou pelo pulso, fazendo-me olhar para ele, tão perto quanto da vez que dançamos. No ápice de seu atrevimento, Leonel beijou-me no canto dos lábios.

Eu não me movi.

Meu coração batia tão rápido, e meu corpo, sedento por todas aquelas sensações, ficou molhado entre as pernas de

imediatamente. Pela primeira vez, eu não soube o que fazer.

— Leonel... — sussurrei, roçando o canto de nossos lábios, sabendo que aquele nome, aquele homem e todo aquele desejo eram proibidos.

— Ci vediamo dopo, francesinha. — Foi tudo o que ele disse quando se afastou, caminhando em direção à confusão.

O dia acabava em tragédia. Quando a ambulância chegou para levar a mãe de Lorenzo às pressas para o hospital, precisei segurar Veridiana pelos ombros antes que ela tentasse consolá-lo

de uma forma mais íntima que a devida. Da mesma maneira, eu fugia dos olhares *dele*.

— O que aconteceu, Veri? — perguntei baixinho, na nossa língua.

— Acho que foi o coração, não sei. Lorenzo não disse muito.

— Ela estava absorta, olhando para a ambulância que levava sua nova paixãoite.

— Se acalme, ok? Ela vai ficar bem, e você pode ser um ombro amigo, caso ele precise — consolei.

— Cara mia. — Ouvi a voz de Carlo e me virei, não esperando vê-lo atrás do conselheiro. Meu olhar cruzou com o *dele* por um segundo. — Se quiserem ir embora depois dessa tragédia, posso mandar levá-las.

— Seria muito bom. Não queremos atrapalhar. Entendemos que esse é um momento íntimo — considere, tentando não espiar o *outro*. — Mas caso algo aconteça, gostaríamos muito de ajudar.

Veridiana preza muito a amizade de Lorenzo, assim como eu e Bóris prezamos a de vocês.

Carlo entendeu meu recado.

— Não se preocupe. Qualquer novidade, ligo para vocês —  
tranquilizou-me. — Agora, se me dão licença, vou preparar  
sua partida.

Guiei Veridiana até os membros restantes da Dark Hand para nos despedirmos. Quando me aproximei de Vicenza, ela me abraçou e beijou as faces, mas me segurou, não me permitindo seguir.

— Esqueci completamente de falar antes. Como você gosta de calor, estamos planejando um final de semana em nossa casa, no Texas, o que acha?

— Claro. Me avise assim que tiver os detalhes, com certeza irei.

Sorri, agradecendo o convite com um leve aperto em seus braços. Depois, parti com Veridiana sem olhar para trás, sem correr riscos, sem querer entender o que havia acontecido naquele lugar. E

eu não estava falando do suposto ataque do coração de Caroline Ferioli.

Capítulo Três

*“Pois essa vida é uma sinfonia agridoce —*

*Tentando fazer as coisas darem certo,*

*Você é um escravo do dinheiro até morrer.*

*Eu vou te levar pela única estrada que já segui.*

*Você sabe, aquela que te leva aos lugares onde todas as veias se encontram.”*

### **BITTER SWEET SYMPHONY**, The Verve

— O que você acha deles? — Veridiana me perguntou, deitada em minha cama depois do jantar.

— Eu ainda não sei — respondi baixo, encarando o teto e pensando *nele*.

Eu não deveria, mas algo dentro de mim se aquecia. Precisei pressionar minhas coxas uma contra a outra, tentando aquietar meu corpo, que demonstrava sem cerimônias o que sentia por *ele*.

— Eu gosto muito. Lorenzo é gentil, tem senso de humor e é galante. Acha que meu pai deixaria? — Ela realmente estava se encantando. Não achei uma boa ideia acabar com sua ilusão.

Íríamos embora em breve, e não só as falsas esperanças dela, mas também as minhas, ficariam para trás.

— Eu o acho muito bonito, mas não posso dizer que sei muito mais.

— Ah, Mad, você deveria conversar um pouco com ele para ver como é inteligente — derreteu-se por seu novo affair, enquanto eu tentava manter meus pensamentos afastados *dele*. — Mas quero mesmo ser como você um dia.

— Como? Perdoe, não ouvi. — Ergui a cabeça e olhei para Veri.

— Eu estava dizendo que acho bonito o modo como você se porta. Gostaria de ter metade da sua fibra.

Ri.

— Não fale essa besteira alto demais, ou alguém poderá te ouvir e realizar esse desejo.

— Você não sabe como tem sorte. Dona de um império, casada com um homem que te ama, respeitada e desejada por todos ao redor. Ninguém da Dark Hand saiu ileso a você, nem o Don, nem Lorenzo. Ele mesmo comentou sobre como você é bonita e que, se não fosse casada, provavelmente me deixaria enciumada.

*Nem o Don...* Frisei aquele pedaço da fala dela mentalmente.

— Eu nunca seria uma ameaça a você, Veri — falei baixo, com a voz mais profunda, denunciando meu cansaço.

— Eu sei. É por isso que amo você. — E, logo depois disso, levantou-se, veio até mim e beijou minha bochecha. — Boa noite, durma bem. E não se esqueça de rezar.

Eu não esqueceria. Pediria para Deus e todos os santos que ouvissem minha prece e me afastassem de Leonel, bem como de todos aqueles pensamentos impuros.

Foi durante aquela madrugada que o telefone tocou para anunciar o que eu já esperava. Caroline Ferioli havia falecido.

Enrolei até a manhã seguinte para contar à Veridiana e informar que realizariam o velório junto da missa em uma igreja no território de sua família.

Sete dias depois, lá estávamos nós.

Veridiana vestia um conjunto de calça e blazer pretos, com óculos escuros no rosto e o cabelo preso em um rabo de cavalo alto, enquanto eu fiquei com o vestido preto com pequenos detalhes em dourado, luvas da mesma cor do vestido e um chapéu pomposo, feito para aquele tipo de ocasião.

Sentei-me com Veridiana em um dos bancos ao fundo da igreja e tirei o chapéu e as luvas, segurando meu terço com as duas mãos, decidida a aproveitar a oportunidade de estar na casa de Deus para pedir diretamente a ele que cuidasse de mim depois que o velório acabasse.

Encarei o teto da igreja, adornado de pinturas belíssimas, e todos os detalhes em dourado nas sancas, nos rodapés e no púlpito. Jesus estava preso em uma cruz logo atrás do padre que

rezava em italiano, fazendo-me pescar uma palavra aqui e ali, mas o meu deslumbre com o lugar e a procura pelo velário atrapalhavam tudo, ainda mais depois que enxerguei a cabeça *dele* em um banco da frente, com o braço em volta da esposa.

Fiana finalmente estava entre nós, meros mortais.

Engoli em seco toda a vontade que tinha de vê-lo, sentindo a garganta arranhar conforme os olhos marejavam. Como eu estava sendo tola!

O que mais eu poderia esperar ao rezar por uma intervenção divina? Deus estava me dando o que eu tanto pedira na noite passada. Ele era casado, eu era casada, não havia nada além disso.

Quando o padre finalizou a missa e o caixão foi fechado, todos na igreja estavam de pé, incluindo eu e Veridiana.

— Você se incomoda se eu for falar com Lorenzo agora?

— Não, de forma alguma. Seja discreta, por favor. Qualquer coisa, nós nos encontramos na recepção que haverá na casa dos Ferioli. Por agora eu preciso rezar — confessei para ela e parti em direção ao velário, enquanto a igreja era esvaziada.

Havia um pequeno saco com velas e palitos de fósforo para que os fiéis pudessem fazer suas preces, e eu agradei. Tratei de acender logo a vela e me coloquei de joelhos. Olhando em volta da pequena sala, vi o confessionário aberto ali.

Eu deveria tomar vergonha na cara e me confessar direito, mas não havia nenhum padre disponível, então Deus ou algum santo precisaria servir.

Juntando as mãos, fechei os olhos e rezei.

Rezei por mim, pelo meu casamento, por minha viagem e, principalmente, para que Ele me afastasse daquela tentação. Leonel Luppolo despertava em mim tudo do que eu tanto sentia falta, e isso era errado.

Indevido.

Inadequado.

Mas, mesmo assim, as borboletas em meu estômago continuavam vivas e serelepes, só por eu saber que poderia encontrá-lo de novo.

— Olhem só, ela reza. — Eu ouvi a voz dele e, ainda de mãos juntas, abri os olhos, olhando para a santa no altar atrás das velas, agradecendo ironicamente.

Coloquei-me de pé, alisei o vestido e virei-me para encará-lo.

— Não deveríamos todos? — perguntei, mas não obtive resposta.

Ele andou até mim, com as mãos nos bolsos, parecendo certo do que faria.

— E o que pede, francesinha?

— Por minha família, pela família que acaba de perder um membro tão importante... — enrolei-me para responder quando ele se aproximou a ponto de ficar poucos centímetros de distância de mim.

— Rezou por mim? — perguntou perante meu silêncio. O sorriso provocador lá.

— Por você? Por que rezaria por você? — questionei com desdém, sentindo a respiração dele sobre mim, aspirando levemente o cheiro da bebida que ele havia consumido anteriormente.

— Por que não rezaria? — Ele abaixou a cabeça, vindo com o rosto na direção do meu. Pude sentir o ar ficando denso, o tempo desacelerando a ponto de eu ver tudo em câmera lenta. Aproximou tanto a boca da minha que, ao falar, roçou os lábios nos meus. —

Venho rezando para ficar sozinho com você já faz algum tempo, francesinha.

E antes que eu pudesse correr, ou me esquivar, ou dizer qualquer coisa, Leonel Luppolo, o Don da Dark Hand, o homem do qual meu marido desconfiava, beijou-me com toda a vontade contida que tinha.

Não resisti. Minhas mãos foram para seu rosto, segurando-o perto de mim, enquanto minha língua provava o gosto da dele.

Leonel não era doce, mas amargo. No entanto, ainda sim, tão bom quanto eu havia imaginado.

Suas mãos envolveram meu corpo, arrastando-me para o canto, prendendo-me na parede bem ao lado do confessionário.

Mordiscava meu lábio inferior antes de voltar sua língua para dentro da minha boca.

Meu corpo implorava por aquilo com tanta intensidade que não consegui me frear ou ouvir os pensamentos de alerta.

Meu coração disparado, meu sexo dolorido, meu corpo vibrante.

Como negar quando estava nítido que eu o queria daquela forma?

Eu o suguei e mordi. Deixei-me levar por alguns minutos, mas, ao abrir os olhos e ver onde estávamos — *como* estávamos

—, não pude continuar.

Colocando as mãos em seu peito, eu o empurrei, tomando distância para olhá-lo nos olhos e pensar sobre o que fazia.

Eu estava tão errada!

Sem pensar duas vezes, ergui a mão e acertei sua face em cheio, causando um estalo alto quando o tapa o atingiu.

— Nunca mais faça isso — falei entredentes, com a respiração completamente desregulada.

Envergonhada por ter sido pega daquela forma, ajeitei meu vestido e afastei-me dele. Peguei minhas coisas o mais rápido que pude. Nem mesmo olhei para trás quando deixei Leonel Luppolo no velário.

Capítulo Quatro

*“Nossas memórias —*

*Bem, elas podem ser convidativas,*

*Mas algumas são totalmente assustadoras.”*

**DON'T SPEAK**, No Doubt

— Você vai ficar chateada comigo se eu disser que não quero ir? — Veridiana perguntou enquanto me via terminar de colocar o vestido.

— E qual programa é melhor do que um chá da tarde com as mulheres da Família? — perguntei, virando-me para ela com uma das sobrancelhas erguidas.

— Lorenzo finalmente ligou e me convidou para um almoço.

— A criança dentro dela estava radiante, e aquilo me fez rir enquanto ajustava a barra do vestido.

— Você é quem sabe, só não se esqueça que precisa colocar alguns limites, certo?

— Certo!

— E não volte muito tarde. Planejo estar de volta perto das seis da tarde e quero você aqui. — Virei-me para ela, finalmente pronta, e vi sua expressão divertida. — Está bom assim?

— Está, *mamãe*.

— Ei! — Joguei uma das almofadas da poltrona nela. — Não estou sendo controladora.

— Aham. Mad, relaxe, eu sei que é só... — ela suspirou, parecendo cair em si — sei que é só passageiro.

— É ruim, não é, meu bem? — Aproximei-me de Veridiana, que havia se sentado em minha cama, e coloquei as mãos sobre o rosto dela. — Mas vai passar, então aproveite enquanto dura.

Beijei sua testa, sabendo que realmente parecia uma mãe naquele minuto, mas não havia outro jeito. Estava dando o mesmo conselho que seguia, principalmente depois da noite maldormida que tivera porque *e/le* aparecera em meu sonho.

Meu corpo ainda não havia entendido que aquilo não era real, e eu tinha certeza de que, quando voltasse para casa, Bóris ficaria muito feliz com todo o desconto de tensão que aconteceria dentro do nosso quarto.

∞ ∞ ∞

Com Veridiana distraída em seu compromisso, não me senti nada culpada por ir sozinha ao encontro daquela tarde. Na verdade, estava tão ansiosa por descobrir como seria o pós-

desastre com *ele* que não me contive ao tocar a campainha do apartamento de Carlo Callegari.

Assim que a porta foi aberta, a sala pintada de verde-claro e a mobília em madeira caramelo, da mesma cor do chão e cheia de detalhes com estampa florida, ficaram à vista. Era grande, mas nada que me deixasse impressionada.

Adentrei o apartamento, entregando meu casaco e minha bolsa para o empregado que havia me recepcionado, e segui para o lado direito, de onde as animadas vozes vinham.

— Madelaine, que prazer tê-la conosco! — O conselheiro se colocou de pé, e os outros na sala o imitaram.

— Quando me mandaram um convite para um chá da tarde, a última coisa que imaginei era que os homens fariam parte —

comentei, completamente atordoada ao ver Leonel sentado em uma das poltronas perto da lareira.

— É, estamos em família, comemorando a vida depois de chorar pela morte — o conselheiro falou. — Por favor, sente-se.

Vamos compartilhar esse momento.

Puxei a cadeira mais próxima, sentando-me e dando autorização para todos os outros fazerem o mesmo. Uma das empregadas veio me servir, trazendo um prato de queijos e uma

taça de vinho. Ri, pois minha concepção de chá da tarde era bem mais inglesa que aquilo.

Tentei ser o mais educada e discreta possível, mas Leonel nem mesmo erguer os olhos na minha direção me incomodou muito mais do que deveria.

— E você, Fiama? — Levantei a cabeça, procurando pelo rosto dela. — O que achou da cerimônia que fizeram para Caroline?

Fiama vinha de onde eu desconfiava ser o lavabo, ajeitando os cabelos loiros. Vestia um conjunto de calça e camisa simples, mas muito bem-cortado.

— A reforma que fizeram naquela igreja valeu a pena, não?

Gostaria de fazer o mesmo investimento aqui, mas perguntem ao meu marido o que ele acha da religiosidade. — Ela passou por ele, bagunçando seus cabelos, e veio para a mesa. — Ah, Madelaine.

Finalmente. — O sorriso que Fiama abriu para mim não era tão feliz quanto ela fazia aparentar. Conhecia aquilo de longe.

— E pensei que a ansiedade por te conhecer fosse só minha.

— comentei, sorrindo de volta.

— Claro que não. Todos andam falando da beleza francesa.

— Seus olhos verdes nos meus não pareciam tão ameaçadores quanto eu achei que seriam. — Gostaria de saber sua opinião.

Pouco antes de você chegar, estávamos discutindo sobre o poder dado à Igreja. Acha que vale a pena o tamanho do

investimento? Eu acredito na tradição, meu marido diz que não deveria.

— Não disse isso. — Leonel se meteu. — Disse que a era da fé já passou e que, daqui a alguns anos, a Igreja não vai ter a força toda que tem hoje. No final das contas, as capelas e igrejas serão vistas como museus de arte. Não duvido nada que a entrada vá começar a ser cobrada, uma hora ou outra. — Ele virou a página de seu jornal e voltou ao seu silêncio absoluto, fazendo todos os rostos voltarem a atenção para Fiama.

— Mas e você, Madelaine, o que acha disso?

— Acredito que estamos todos sob o olhar de Deus, e que não devemos abandonar a fé, jamais. Se pudermos fazer algo para que se mantenha o poder da Igreja e a soberania de Deus sobre todos os homens, que se faça o investimento. Espero que Deus, os

santos e a Igreja não se tornem apenas testemunhos materiais em exposição, mas um lugar onde, não importa quão errados sejamos, temos direito ao perdão e ao amor.

— Mas não acredita que a Igreja pode ter uma visão arcaica sobre algumas questões? — Fiama continuou a me instigar.

— Acredito que existam coisas que são proibidas por Deus, porque Ele sabe o que deve ou não ser feito.

— E o que, exatamente, você também condena?

— Não seria o que eu condeno, na verdade. Seria o que eu considero correto. E acredito que você também vá concordar comigo nesse ponto: por exemplo, a fidelidade no matrimônio. Serei fiel ao meu marido até a morte. — Deixei meu recado para *e/e*.

— É, não vou discutir. — Fiama riu junto dos outros, dando um gole em sua taça e deixando-me livre para fazer o mesmo.

— Espero que Deus não esteja de olho em nós agora mesmo, porque estou quase bêbada nesta mesa, e todos os exageros são condenáveis, não? — comentou Rita, a esposa Callegari, fazendo todos voltarem a rir.

O papo seguiu, e eu me manifestei quando deveria, mas achei Fiama um tanto ardilosa com suas perguntas e comentários durante o resto da tarde. Passei a gostar ainda mais do casal Callegari e da presente família Lazzarin. Albert estava com Julieta, sua esposa tímida e gentil; Antonella, a sobrinha, e Delfina, a filha, eram as únicas crianças presentes.

Foi uma boa tarde, eu não podia negar, mas ao ver as horas passando, decidi ir embora antes que vacilasse no horário marcado com Veridiana.

— Ah, não! Não se vá, nós vamos jantar daqui a pouco, fique!

— Rita Callegari pediu, mas eu só pude tentar ser o mais gentil que dava ao recusar o convite.

— Veridiana está me esperando para o jantar, sinto muito!

— Então prometa que virá alguma outra hora. Adoraria tê-la mais vezes conosco — a mulher italiana de cabelos pretos compridos e olhar doce me pediu ao pegar em minha mão.

— Eu prometo.

Recebi seu abraço de bom grado quando ela me levou até a porta. Saí e entrei no elevador, incomodada por *e/e* ter

agido como se eu fosse invisível, enquanto sua presença por si só já me intimidava.

Como alguém que havia me beijado tão ardentemente conseguia ser tão frio logo depois? Ele não trocara uma palavra comigo, não me olhara, nem mesmo erguera os olhos ao me ouvir anunciando minha saída. Mesmo imaginando que isso tivesse a ver com a presença de Fiama, não pude deixar de me sentir ofendida, desconfortável e suja. Completamente suja por querer ser notada por aquele homem, quando o que eu deveria era manter distância.

Capítulo Cinco

*“História da minha vida —*

*Procurando o que é certo,*

*Mas o certo fica me evitando.*

*Tristeza em minha alma,*

*Porque parece que o errado*

*Realmente ama minha companhia.”*

**UNFAITHFUL**, Rihanna

Houston era mais quente do que eu havia esperado.

— Que calor — comentei assim que desci do avião, abanando-me com as mãos. Por sorte, as roupas que eu havia colocado na mala para aquele final de semana eram todas frescas, sem contar as roupas de banho.

— Agradeça que não estamos no Arizona. — Julieta mencionou ao descer logo atrás de mim, já indo correr atrás do seu menino mais novo.

Encarei o céu azul, deixando o vento bagunçar meus cabelos e permanecendo parada um instante antes de seguir todos eles para os carros. Veridiana não sabia o que estava perdendo, mas Lorenzo havia fígado minha amiga e, enquanto ela achava que seria um bom consolo para o garoto, eu tinha mais o que fazer do que ficar trancada, lamentando a perda de alguém que eu mal conhecia.

Não que fosse insensível, mas eu não estava ali para lamber as feridas de ninguém. Essa foi a minha maior motivação para pular no avião sem pensar duas vezes. Era um final de semana de diversão, não havia sinal *dele* por perto, e eu não precisava me preocupar com mais nada além do protetor solar.

Pelo menos, foi o que pensei até chegar ao nosso destino.

A casa de veraneio dos Lazzarin era imensa, e essa, sim, deslumbrou-me. Vicenza estava em um maiô comportado, fazendo-me sentir um pouco europeia demais com o tamanho das peças que havia levado, e mantinha um chapéu de abas grandes para se proteger do sol. Estava sentada em uma cadeira próximo da piscina, lendo uma revista com sua taça ao lado, enquanto via as crianças brincar na água. No entanto, assim que viu a movimentação que nós, seus convidados, causávamos, levantou-se e veio até nós.

— Ah, o tempo está ótimo, não? — ela perguntou para mim, depois de dispensar os outros. — Separei um quarto especialmente para você. — Ela piscou e se virou, dando a impressão de que eu deveria segui-la.

Qual não foi minha surpresa ao entrar na casa e ouvir a voz *dele*? Eu mal podia descrever. O frio no estômago voltou

com tudo, e eu parei no lugar. Olhei rapidamente para a cozinha e vi Leonel conversando e bebendo com Agostino.

— Madelaine, querida, algum problema? — Vicenza me perguntou, já no terceiro degrau da escada de pedras.

— Não, de modo algum. Estava admirando sua casa, é muito bonita!

— É só a casa de verão. Agostino e eu estamos reformando nossa casa, portanto passaremos uma temporada aqui. Mas gostou do revestimento? — Ela tocou a pedra da parede, que era a mesma do chão e da ilha da cozinha tão comprida.

— Amei. Minha casa não é tão clara, mas eu deveria decorá-la com alguma ajuda sua — comentei, fazendo-a sorrir antes de continuar seu caminho.

Vicenza me levou ao andar superior e andou até o fim de um corredor cheio de portas.

— Eu até gostaria de colocar você nessa suíte. — Ela tocou na porta que ficava ao final do corredor e me surpreendeu quando virou para a porta da direita. — Mas o Don está ocupando esse quarto desde quinta-feira.

— Ah... sem problemas. — Tentei soar o mais neutra possível e, assim que Vicenza abriu a porta para que eu pudesse entrar, tratei de falar algo antes que ela notasse minha falta de jeito.

— Esse quarto também é lindo! Não vai fazer nenhuma diferença para mim.

Entrei já tocando o edredom macio. Sentei-me na cama para olhar em volta.

O quarto era bem-decorado e muito confortável. Seria o bastante.

— Vou mandar subir sua mala, se troque e desça quando puder, ok? Vou deixar você à vontade — falando isso, Vicenza fechou a porta com um sorriso nos lábios, deixando-me sozinha com um peso enorme nas costas e o estômago trêmulo por saber que não só teria que aguentá-lo todo o final de semana, como dormiria a apenas uma parede de distância *dele*.

Deitei-me na cama e encarei o teto branco, pensando em como seria descer e encontrá-lo. Eu não sabia se ele fingiria que eu era invisível e acabaria enterrando de vez meu ego, não sabia se deveria provocá-lo para obter qualquer reação dele e depois ignorá-lo em resposta — vingança assumida.

E, por tudo o que era mais sagrado, não sabia como controlar as borboletas no meu estômago.

Por que eu estava tão dependente da atenção daquele homem? Eu vinha sonhando com ele todos os dias desde que ele havia me beijado na igreja. Vinha imaginando involuntariamente, desejando secretamente, que ele fizesse muito mais que me beijar.

Só de imaginá-lo me tocando, meu corpo reagia.

Meu coração, meus seios, meu ventre, minha...

Meus pensamentos foram interrompidos quando bateram à porta. Levantei num pulo, indo até a porta para receber minhas coisas.

Olhei-me mais algumas vezes no espelho, conferindo se não seria vulgar aparecer vestindo aquele biquíni branco, com pequenas flores rosas e cós baixo — eu odiava a moda do asa delta — e

tomara que caia. Depois de me convencer de que não haveria problemas, passei a mão no óculos de sol e no protetor. Desci, convencida de que nada me abalaria, não o bastante para que *e/e* soubesse.

Não havia mais ninguém na cozinha quando pisei no chão do andar de baixo, com meus chinelos exibindo as unhas dos pés vermelhas. Olhei em volta procurando por *e/e*. Vi as mulheres que estavam na piscina acenando freneticamente para que eu fosse até elas.

Coloquei os óculos e saí para o tempo aberto. Aproximei-me das mulheres e peguei a toalha que Vicenza me ofereceu.

— Ah, se eu ainda tivesse meu corpo de antes das crianças.

— Julieta comentou, fazendo Vicenza e Rita rirem.

— Vocês estão todas ótimas — comentei, tirando os chinelos e me sentando na espreguiçadeira. — Eu não tenho muito corpo. —

Olhei para baixo, vendo meus seios pequenos e comparando-os aos de todas as outras ali.

— Tem um belo quadril, será uma boa parideira. — Rita, a mais velha de nós, comentou.

— E não se engane, Madelaine, eu mesma refiz meus seios depois das crianças. Filhos são uma benção — Vicenza disse, olhando para os seus —, mas acabam conosco.

— Nem me fale! — Julieta exclamou. — Ainda não voltei ao meu peso de antes da gravidez, e olha que já não estava na melhor forma antes de Delfina chegar.

Encarei as mulheres em silêncio, enquanto passava o protetor em meus braços e ombros. Será que elas sabiam o quão sortudas eram?

Não poder gerar um filho, não poder ser mãe...

Suspirei, um pouco levada pela emoção.

— Veja só, lá estão os homens, finalmente com alguma comida — Rita apontou. — Confesso que estou faminta. Ah, Madelaine, creio que se lembra do meu mais velho. Enzo, cumprimente nossa convidada. — Mandou o filho mais velho dos Callegari até mim. Levantei-me para cumprimentá-lo, não deixando de ver o olhar do garoto para o meu corpo antes de me abraçar.

— Como vai? — Tentei ser o mais breve possível, fazendo o menino se afastar logo, para que os olhares dele sobre mim não causassem alvoroço.

Participando da pouca conversa entre as mulheres ali, me estiquei na espreguiçadeira e aproveitei o sol, enquanto o som comandado pelos adolescentes tocava.

Quando o sol estava em seu auge, arrisquei entrar na piscina com Vicenza. Depois de ela me fazer experimentar todas as boas bebidas disponíveis na mesa, perguntou:

— E o que você gosta de beber?

— Piña colada, ainda mais nesse calor.

— Acho que temos todos os ingredientes lá dentro...

— Eu posso fazer do meu jeito, inclusive, acho que você vai adorar — comentei.

— Adoraria, mas pode ser depois do almoço? Sinto que se beber mais um gole de qualquer coisa antes de colocar alguma comida para dentro, sairei tão bêbada daqui que precisarei ir me deitar.

Não demorou para que todos fôssemos para a parte de trás da casa, onde os homens se reuniam em volta da churrasqueira e a mesa já havia sido posta pelos empregados de Vicenza, com todas as outras guarnições.

Eu fingia não o ver. Ignorei-o tanto quanto pude e, por conta disso, não soube dizer se ele havia tentado contato visual.

A vantagem de ter escolhido cedo meu lugar na mesa era que, de todo jeito, ele não ficaria próximo. Sentei-me entre Julieta e Rita, dividindo as famílias, podendo participar da conversa sem nenhum impedimento vergonhoso, e ainda assim poderia perceber qualquer olhar que ele desse na minha direção.

Para minha maior frustração, ele não o fez.

Esperei a sobremesa ser servida. Logo após o almoço, os Callegari subiram para os quartos para descansar, os Lazzarin se reuniram em uma área coberta da piscina, parecendo muito sonolentos, e eu, a visita, tentei me fazer prestativa.

— Acho que vocês precisam de um pouco da minha piña colada — falei para Vicenza.

— Ah, Madelaine. Eu passo, no momento. Quem sabe mais tarde? Mas sinta-se à vontade para ir até a cozinha e se servir do que quiser. Está em casa. — A italiana piscou para

mim e se aninhou no braço do marido, que já parecia cochilar.

Um pouco frustrada, entrei e fui direto para a cozinha, parando no portal ao vê-lo ali.

A cozinha de Vicenza era comprida, tinha uma ilha de uns três metros em seu centro — e era onde ele estava, fazendo algo que eu não consegui ver direito. Toda a tensão que eu vinha ignorando desde que havia chegado na casa voltou. Era como se meu corpo tivesse completa consciência *dele* ali, tão perto. Tentei ignorá-lo, assim como ele fazia comigo, e segui, passando por ele sem nem mesmo mover a cabeça. Fui para os armários que ficavam em suas costas.

Havia mais garrafas do que eu poderia contar sobre o balcão, e, enquanto eu procurava pelo rum branco, ouvi o suspiro que ele soltou. Mordisquei o lábio e me segurei para não olhar por sobre o ombro.

Estar no mesmo ambiente que ele era torturante, mas eu acreditava ser uma provação. Mesmo que as sensações fossem deliciosas, eu não deveria pecar.

Concentrei-me na lista mental do que ia precisar para preparar minha bebida, mas antes que pudesse fazer qualquer coisa, eu o senti atrás de mim. O calor do corpo dele, a energia, a tensão. Eu não sabia definir, mas tinha completa ciência dele ali, parado atrás de mim, e eu não sabia como reagir.

Fechei o armário e, com muito mais coragem do que realmente tinha, girei-me, ficando de frente para ele.

Leonel não estava para brincadeiras, seu rosto denunciava o quão sério aquilo era. Lambi os lábios ao conferir seu corpo sem camisa, antes de conseguir falar qualquer coisa. Ele se

aproximou, pressionando-me contra o armário, e, depois de fazer uma avaliação meticulosa no meu corpo, olhou-me nos olhos e disse baixo, como um ultimato.

— Se você não quer esta merda, sua chance de sair é agora.

Eu podia me ver, em uma outra realidade, saindo dali furiosa depois de acertá-lo com algo, mas a verdade foi que eu não me movi, ainda olhando para ele, sentindo o ponto entre minhas pernas dolorido por pulsar sem que ele ao menos tocasse em mim.

Não.

Eu tinha ido até ali tentando fugir dele, tentando negar que o queria, mesmo sabendo que todas as sensações que eu tanto buscara só foram despertadas com e por ele.

Encarando seus olhos escuros sob as sobrancelhas grossas, senti quando seu corpo tocou o meu da cintura para baixo conforme ele se aproximava mais.

Leonel, vendo que eu não fugiria, trouxe a mão ao meu rosto e acariciou minha bochecha.

— Última chance, francesinha. — A voz saiu em um sussurro, mas seu tom de desafio estava lá.

— Não vou a lugar nenhum — respondi.

E, no segundo seguinte, ele caiu sobre mim.

Foi desesperador sentir o quanto queríamos aquilo. Suas mãos desceram para minha cintura, e, sem muita delicadeza, Leonel me colocou sentada sobre o armário, encaixando-se entre minhas pernas, devorando minha boca

e demonstrando com toda a sua rigidez o quanto estava pronto.

Eu não deixei por menos, abracei seu corpo e pedi por mais quando invadi sua boca com minha língua, fazendo nosso beijo ficar mais intenso ainda.

— Cazzo, pequena Eva maldita! — falou baixo, com a boca contra a minha, e eu o ignorei, voltando a beijar o homem que infernizara meus pensamentos durante todos aqueles dias.

Leonel gostou quando entrelacei os dedos em seu cabelo e o puxei. Em resposta, suas mãos em minhas coxas não foram gentis, apertando-me com força, a ponto de doer.

Reclamei, gemendo baixo, mal sabendo que aquele era meu erro. Atrevido, o italiano seguiu para a pequena parte de baixo do biquíni e a afastou, tocando-me sem nenhum pudor, sem nenhuma vergonha, sem nenhum rodeio.

Comprovando quão molhada eu estava e mantendo a boca na minha, ele se afastou pouca coisa ao deslizar o dedo para dentro de mim.

A essa altura, meu corpo, que parecia pronto para se dissolver pelo calor, quase entrou em combustão. Gemi, e ele riu, baixo, rouco, totalmente convencido de que eu estava entregue.

Leonel não me deu espaço, nem mesmo escolha, tirou a mão de onde estava e abraçou meu corpo. Quando achei que ele recuaria, fui surpreendida ao sentir sua mão descer por minha barriga, direto para dentro do biquíni, tocando meu púbis, ignorando qualquer distração até, finalmente, alcançar meu clitóris.

Tentei fugir, abrindo os olhos, despertando para o que acontecia e sabendo que estaríamos encrencados caso alguém nos flagrasse, mas o primeiro movimento dele me desarmou. Leonel começou com o movimento circular lento, mas tão certo que eu não resisti, deitando a cabeça para trás conforme tentava mexer o quadril contra sua mão.

Senti cócegas quando ele riu contra meu pescoço e me senti mais viva do que nunca durante os últimos anos.

Seus dedos seguiram um novo ritmo, acelerado, curto, determinado. Leonel sabia muito bem o que fazia, e eu não quis, por nem um segundo, que ele parasse.

Estava tensa daquela forma há dias. Eu queria, desesperadamente, que ele me levasse ao ápice logo. Minhas pernas estavam abertas, minhas mãos no corpo dele puxavam, apertavam e arranhavam. Os gemidos que escapavam da minha boca obrigaram Leonel a colocar a mão contra meus lábios, e em um ritmo frenético, sentindo sua língua contra minha pele, gozei de forma violenta. Todo meu corpo vibrou, principalmente a parte em que ele tinha a mão.

— Fique com isso, francesinha. Essa noite, será assim que sua boceta vai ficar quando eu terminar com você.

Falando isso em tom de promessa, ele soltou minha boca, afastou-se alguns passos e, depois de lamber os dedos molhados, virou-se, pegou sua bebida e saiu, deixando-me ali, completamente bagunçada, com as pernas ainda tremendo, sem entender como

tudo aquilo estava acontecendo.

Sentada na cama, vestindo apenas uma camisola fresca, sentia-me perdida depois de trancar a porta.

O relógio sobre o criado-mudo marcava quase meia-noite, e eu sabia que a qualquer segundo ele poderia aparecer. Toda a moral com a qual eu havia sido criada, todas as minhas crenças sobre fidelidade, todas as minhas certezas de uma vida a dois pareciam escorrer pelo ralo.

Antes que eu tivesse tempo para reunir a sabedoria necessária para aquele momento, ele bateu à porta. Foi baixo e fraco, mas o bastante para minha garganta se comprimir e minha boca secar.

Eu sabia que devia ignorá-lo, fingir estar dormindo e não o atender, mas tudo em mim, inclusive a necessidade de provar mais do que ele tinha a oferecer, obrigaram-me a ficar de pé e a abrir a porta.

Cheia de incertezas sobre o que eu fazia, girei a chave, ouvindo o barulhinho que o trinco fazia, e, de repente, a porta se escancarou.

Eu dei um passo para trás, vendo-o ali, vestido apenas com as roupas de baixo, enquanto fechava a porta. Leonel tinha algumas cicatrizes por suas costas e braços, nas quais eu não havia prestado atenção antes; o que me despertava interesse, no entanto, não era isso, mas perceber que ele assumia um risco tão grande quanto eu.

— Leonel — falei baixo, quase como um sussurro, quando ouvi o italiano trancar a porta novamente.

Ele se virou, olhando meu corpo de cima a baixo, devorando cada parte, enquanto eu fazia o mesmo com ele. Via seu cabelo molhado, sentia seu cheiro pós-banho, admirava o

corpo forte, grande e quase completamente nu na minha frente.

Não levou muito tempo até o efeito imã que existia entre nós funcionar. Não me reconheci quando me joguei em seus braços, grudando minha boca à dele, recebendo seus toques firmes enquanto ele sustentava meu peso contra seu corpo.

Leonel me levou para a cama, apoiando-me sobre o colchão, vindo sobre mim, devorando minha boca com seu beijo feroz e cheio de desejo, encaixando-se entre minhas pernas, pressionando todo o volume que sua cueca guardava contra meu sexo.

Abri os olhos — finalmente tendo consciência de onde aquilo pararia, mas ainda mantendo seu corpo junto ao meu — e chamei seu nome mais uma vez.

Ele parou, encarando-me com seus grandes olhos castanhos.

— O que é, francesinha? — A boca dele desceu pelo meu queixo com mordiscadas.

— Não. Não devemos. — Minha voz fraca e falha era a barreira mais fácil para ele quebrar.

— Ah, nós devemos. Me enfiei no chuveiro, tomando a merda de um banho gelado para tentar desistir disso, garota. Mas não consegui. — Ele levou a mão até minha nuca, erguendo minha cabeça, segurando-me com firmeza antes de aproximar a boca da minha. — Não consigo mais resistir a você.

Leonel me beijou novamente, movendo o corpo sobre o meu, encaixando-se sobre mim com perfeição.

— Não — choraminguei. — Não posso. — E balancei a cabeça, negando.

— Pode sim. — Ele sorriu. Aquele maldito sorriso que eu já guardava na memória. — Não negue, Madelaine. Seu corpo, seu instinto, sua vontade disso é maior do que qualquer uma das amarras que te prendem. Eu sei.

E, não me dando chance de responder — até porque ele estava certo —, Leonel voltou com a língua para dentro da minha boca, erguendo minha camisola em um ritmo lento, como se aproveitasse cada pedaço meu que ia descobrindo. Suas mãos fortes deixavam meu corpo em chamas. O frio na barriga não me abandonara desde a hora em que ele tinha tocado em mim,

fazendo-se presente com mais intensidade quando fiquei completamente nua.

O italiano se ergueu, admirando-me por alguns segundos, e só depois estendeu a mão para me tocar.

Leonel tocou meu rosto e eu fechei os olhos, sentindo seus dedos roçando minha pele a caminho do meu maxilar, da minha garganta, das clavículas e, finalmente, dos meus seios.

Ele se deitou novamente sobre mim, segurando meus seios com ambas as mãos, arrancando de mim o primeiro gemido daquela noite insana. Agarrei-me aos lençóis, sentindo sua boca sobre meu mamilo. Leonel juntou meus seios num aperto quase cruel, fazendo meu ventre pulsar de tanto desejo, enquanto sua boca brincava de um lado para o outro, sugando, mordiscando, lambendo e deixando-me cada vez mais molhada, mais sedenta, mais insana do que nunca.

Quando ele arrancou de mim gemidos mais altos, riu e desceu com a boca, beijando meu ventre aos pouquinhos, ainda segurando meus seios de forma bruta.

Leonel chegou até meu púbis e só então me livrou de parte do aperto nos seios, descendo apenas uma das mãos para o meu sexo, acariciando sobre a pele macia e depilada, antes de, com maestria, abrir meus lábios e tocar toda a minha extensão.

Não aguentei quando seu polegar brincou no ponto inchado que era meu clitóris, perdendo o ar enquanto tentava fazer silêncio, agarrando-me aos lençóis como se minha vida dependesse daquilo.

— Não se segure, francesinha. As paredes têm isolamento acústico, e eu quero ouvir você gemer gostoso — ele disse ao colocar as duas mãos no meu sexo, depois de se ajeitar na cama, ficando com a cabeça entre minhas coxas, pronto para me tocar com a língua.

E ele o fez com vontade.

Leonel subiu, desceu, girou e me fez perder o juízo quando colocou seus dedos dentro de mim. Sem ter piedade, ele me sugou forte, enquanto seus dedos trabalhavam rápido na minha entrada; e eu, sem aguentar mais nenhum segundo, com uma das mãos sobre

seu cabelo, forçando sua cabeça contra mim e incentivando-o a continuar, senti todo o corpo formigar antes da explosão acontecer.

Foi como ser quebrada em pequenos pedaços, e então remontada logo em seguida.

A intensidade daquilo, a força com que aconteceu, fez-me chorar e rir ao mesmo tempo, enquanto meu corpo tentava processar tudo o que sentia.

Sem esperar, vi Leonel se erguer e arrancar a cueca, liberando o enorme membro que eu não tinha ideia de que podia ser tão grande. Meu marido não era decepcionante, mas aquilo... aquilo era realmente uma surpresa.

Ele pareceu não notar meu choque, subindo na cama e se sentando sobre meu peito. Não falou nada, parecia concentrado demais, e eu agradeci em silêncio. Tinha medo de que qualquer palavra me trouxesse de volta à realidade e me fizesse desistir daquilo.

Porque, apesar de proibido, pecar daquela forma parecia valer meu lugar no inferno.

Leonel passou a mão por seu membro molhado e o ofereceu à minha boca.

Obediente como devia ser, querendo retribuir o que ele havia acabado de me proporcionar, apoiei as mãos em seu traseiro e abri a boca, olhando para o rosto do outro pecador. Ele estava em êxtase, vendo-me lambê-lo sem pressa, para só então colocá-lo na boca como merecia.

— Ah, porra! Vai, francesinha, vai que vou foder sua boca assim como vou foder sua bocetinha — prometeu, forçando-se contra meu rosto, obrigando-me a abrigar boa parte daquele tamanho e grossura dentro da boca.

Eu tentava não me engasgar.

Nunca havia sido tratada daquele jeito. Bóris nunca havia xingado, nunca havia me domado daquele jeito. Só de vê-lo gemer e me olhar como se eu fosse a melhor visão do

mundo, comecei a sentir meu sexo latejar por vontade de tê-lo ali, preenchendo-me inteira.

Eu o suguei, lambi, chupei. Tive a boca usada por ele, e gostei muito mais do que devia. Quase reclamei ao vê-lo se afastar.

Leonel saiu da cama pelas minhas costas, e eu me sentei, perguntando-me se havia algo errado. Ele, no entanto, apenas me puxou para a ponta, colocando-me na beirada do colchão e mantendo meu corpo meio inclinado; encaixou-se entre as minhas pernas, causando em mim uma bela mistura de ansiedade e excitação.

Eu o queria, não podia negar. Não havia mais volta.

Leonel roçou seu sexo no meu, vendo o quão molhada eu estava, e juntou a boca à minha, dando-me um pequeno beijo quase casto.

— *Ti scoperò, piccola Eva* — ele disse, com a boca tocando a minha.

Tão ansioso quanto eu, Leonel se encaixou na minha entrada e me invadiu de uma só vez, fazendo-me enfiar as unhas contra sua pele, enquanto puxava o ar e gemia alto.

— O que é isso?! — perguntei, com o corpo abraçado ao dele. A voz vacilante.

— Isso, francesinha... — Ele me deitou, colocando minhas pernas ao redor de seu quadril. — Sou eu fodendo sua boceta.

E ele fez o que queria.

Aquilo não era só fazer amor — como eu havia conhecido —, mas também não era uma das tais fudas sujas das quais tanto ouvia falar. Leonel era o equilíbrio entre os dois, dando-me prazer a cada estocada, beijando meu pescoço, minha garganta e minha boca todo o tempo; ouvindo-me gemer seu nome baixinho, pedir por misericórdia e implorar por mais; fazendo de mim uma completa louca, enquanto me preenchia com cada vez mais intensidade.

Abracei seu corpo, acariciei suas costas, toquei suas cicatrizes e, muito além do que eu podia imaginar, amei cada um dos pedaços dele enquanto sabia que, naquele momento, talvez ele me amasse de volta.

Quando me viu começar a tremer, Leonel ergueu o corpo, e me tocou rápido com a ponta dos dedos enquanto seu quadril vinha contra mim, cada vez mais rápido.

Era muito para aguentar, vê-lo ali, segurando minhas pernas, com sua cara de mau, preocupado com meu prazer.

A tensão sobre meus músculos aumentava, a pressão em meu sexo e em meu ventre era demais para suportar; e quando eu cheguei ao orgasmo daquela vez, Leonel veio junto, tirando seu membro de dentro de mim e se derramando sobre meu corpo.

Apertava minha carne com força e xingava baixo ao chegar ao fim do seu prazer.

E foi ali, respirando com dificuldade, encarando-o apoiada sobre os cotovelos, que tive certeza de que, não importava se depois daquela noite eu não fosse nunca mais vê-lo.

Eu tinha feito o que queria, e não havia nada no mundo que pudesse mudar isso.

## Capítulo Seis

*"Oh, minha preciosa brasa ardente,*

*Minha doce luz brilhante —*

*A partir do momento em que eu vi você pela primeira vez,  
Eu era seu e você era minha —*

*No fundo, nós dois sabíamos que você era um problema  
proposital.*

*E o eco das palavras da minha mãe:*

*"Querido, não brinque com fogo" —*

*Eu sempre interpretava o papel*

*Do primeiro amor criado a partir de uma faísca —*

*Não havia jeito de me fazer mudar de ideia.*

*Agora estou sob seu feitiço, preso em uma mentira —*

*Não deveria ter ficado tão perto do fogo —*

*Não há volta, não há para onde correr,*

*Nenhum lugar para se esconder —*

*É tarde demais para dizer adeus..."*

**TOO LATE TO SAY GOODBYE**, Cage The Elephant O que eu havia feito?

A dor por acordar sozinha e saber que Leonel havia ido embora só não era maior do que o peso da culpa que sentia. Eu havia me entregado a outro homem e, como se não

bastasse cometer um pecado desses, havia gostado — muito!

Meu corpo parecia completamente satisfeito com as minhas escolhas. Toda vez que eu acabava imaginando mais daquilo, ou então quando revivia na mente as cenas daquela noite, o frio no estômago — a ansiedade por mais —, surgia, acabando com qualquer outra motivação que eu tentava encontrar para me manter afastada.

No fundo, eu esperava que ele também se sentisse assim, mas duvidava, ainda mais quando, por uma semana inteira, Leonel me deixou sem notícia nenhuma.

Era agonizante precisar guardar aquele segredo enquanto via Veridiana empolgada, falando sobre como Lorenzo continuava a flertar com ela. O que era um flerte perto do que havia acontecido dentro daquele quarto?

Tentei ignorar, fingir que havia sido um sonho, fingir que não era real, mas a cada ligação do meu marido, toda vez que eu precisava dizer que estava tudo bem, tudo o que conseguia era pensar naqueles olhos castanhos, nas mãos, no sorriso, no corpo, no ato.

Cru, intenso e perfeito.

Suspirei, sozinha na varanda do meu quarto, agradecendo por Veridiana ter engolido a desculpa de que eu estava com dor de cabeça e que, por isso, não conseguiria ir ao encontro da Dark Hand daquela noite. E ali, como no primeiro dia, com as mãos sobre o parapeito, de olhos fechados, eu quis chorar.

Não só por me sentir suja, culpada e errada. Quis chorar porque sabia que aquilo nunca mais poderia se repetir.

Foi ali, tomando o ar mais frio de uma Nova Iorque que anoitecia, que fui surpreendida por uma batida na porta. Precisei parar por alguns segundos, pensando que aquilo podia ser imaginação minha, mas quando ouvi de novo, corri para atender.

— Senhora, boa noite. Desculpa incomodar, mas temos um recado. — A mensageira, uma mulher loira perfeitamente uniformizada, entregou-me um papel e, após receber uma gorjeta, saiu sorrindo.

Fechei a porta de imediato e me sentei na cama antes de abrir o recado.

*“Encontre-me no décimo quarto andar, suíte mil quatrocentos e quarenta e dois.*

*Aguardo você, francesinha.*

L.

*PS: Queime isso.”*

Meu estômago se comprimiu, o arrepio que percorreu toda a minha pele fez os pelos dos meus braços se eriçarem, e, em um segundo de loucura, consegui me enxergar saindo como estava, descalça e de roupão, indo direto ao encontro dele.

O que ele queria? Por que estava ali?

Engoli toda a vontade de rendição e andei pelo quarto, pensando no que fazer. O que seria inteligente e moralmente correto? O que era esperado de mim? Eu poderia deixá-lo sem uma resposta, poderia não ir, mas tinha medo de que Leonel fosse até mim e eu não conseguisse colocá-lo para fora.

Não. Eu precisava ir até ele e dizer que tudo havia sido um completo erro, que nós não deveríamos nunca mais nos ver e que o certo era seguirmos a vida como completos desconhecidos.

É.

Por um momento, aquilo me pareceu certo, e foi o que tentei fazer.

Depois de me arrumar, usando um belo vestido verde, saí do quarto sobre saltos, repetindo mentalmente toda a minha lista de ações para que não pisasse fora da linha. Eu chegaria até o quarto dele, pararia próximo a porta, falaria sobre todo o meu arrependimento, viraria as costas e aquilo acabaria.

Não importava quão forte fosse o frio na barriga, não importava o quão alucinante fosse a vontade de ficar, eu iria embora, e aquilo seria apenas uma mancha no meu passado —

sobre a qual ninguém nunca ficaria sabendo.

Tomei fôlego antes de tocar na porta, e, assim que bati, ele a abriu.

Vestido com terno preto e camisa azul-escura, o cabelo despenteado. Na mão, um copo de uísque puro quase vazio.

— Você veio. — Foi tudo o que ele disse depois de me medir de cima a baixo e fazer meu corpo tremer. E, depois de olhar para os dois lados do corredor, conferindo se estava tudo vazio, ordenou:

— Entre.

Sentindo cada uma das minhas pernas pesar uma tonelada, entrei no quarto de iluminação azulada e fraca, estranhando tudo aquilo. Olhei para o teto e vi que a luz vinha da sanca moderna;

engoli o comentário banal que queria fazer sobre aquele detalhe. Eu não estava ali para frivolidades, estava ali para colocar uma pedra sobre fosse lá o que havia entre mim e Leonel Luppolo.

Ele passou por mim, indo para o pequeno bar, e falou sem me encarar.

— O que quer beber?

— Nada... — tentei soar mais firme do que realmente estava e, pelo olhar dele, repentino e um pouco incomodado, parecia que eu havia conseguido. — Na verdade, eu só vim até aqui para dizer que não podemos continuar com isso. Seja lá o que for. — Leonel parou por um segundo, olhando para frente, ignorando-me por um segundo enquanto passava a língua sobre os lábios.

— Está sendo precipitada. — O tom de voz baixo e rouco quase me desconcertou. Minhas mãos tremiam, mas me mantive o mais sã que podia.

— Não. Estou sendo real. Isso seria penalizado com a morte, se não a sua, a minha. Você sabe. E eu não quero ir para o inferno, Leonel. Agora, se me dá licença. — Virei-me lentamente, sentindo meu corpo quase anestesiado, quase rebelde o bastante para não querer seguir minhas ordens.

Era uma droga. Estar ali, tão perto dele, fazia meu corpo todo pulsar de desejo, tesão e uma quantidade de luxúria que poderia me afogar.

Reunindo todas as minhas convicções, minhas certezas e a fé de que aquilo era só uma provação — e que eu precisava passar pelo menos no segundo teste —, dei o primeiro passo na direção da porta, depois outro, e então consegui colocar a mão na maçaneta.

Antes que pudesse girá-la, no entanto, a mão dele estava lá, mantendo a porta fechada, enquanto sua respiração branda soprava nas minhas costas.

— Não vá, Madelaine.

Ouvir sua voz tão perto fez todo o meu corpo amolecer, mas eu não podia ceder. Virei-me para ele, encarando seus olhos castanhos, sua expressão séria, e me encostei contra a porta.

Leonel me prendeu entre seus braços e corpo.

Perto demais, perigoso demais.

— Eu não posso... — minha voz saiu trêmula, entregando o quão afetada eu estava.

— Pode. Preciso de você aqui. — Leonel tocou meu rosto e eu fechei os olhos. — Aceite, pequena Eva. Aceite que sou a serpente, aceite que sou o que você tanto quer.

Antes que pudesse me recuperar, Leonel juntou sua boca na minha, segurando-me contra si tão firmemente que mal conseguia respirar.

Meu corpo gritava que sim, que eu deveria ficar e me entregar mais uma, e outra vez se fosse necessário para aplacar tudo aquilo.

Minha mente tentava calcular o que pesava mais, a vontade de estar com ele ou a obrigação de cumprir o que eu havia sido criada para ser.

E nessa briga interna, minha reação, depois de alguns minutos de beijo intenso e delicioso, foi erguer minha mão e bater no rosto de Leonel.

O tapa foi firme e forte. Causando confusão em seus olhos conforme ele se afastava para me enxergar.

— Não — falei baixinho.

— Ah, sim. Com certeza *sim*, francesinha.

E eu não pude escapar quando Leonel voltou para mim, decidido a não me deixar partir, beijando-me como se sentisse todo aquele alvoroço interno, como se pudesse dedilhar certo cada uma das minhas dúvidas, fazendo com que elas se dissipassem no ar.

Prendendo minhas mãos sobre a cabeça, seu corpo contra o meu, quente, determinado e muito másculo, pegou-me sem chance de volta.

E eu, mais uma vez, tropecei.

“Perdoe, Pai, mas eu não resisto ao fruto proibido.”

Foi tudo o que consegui pensar antes de estar completamente nua com Leonel Luppolo.

Pisando sobre minhas roupas e seu terno, com o corpo completamente preso contra a porta, sem poder fazer nada além de

abraçá-lo e beijá-lo com ainda mais vigor, tentei livrar Leonel de sua calça, mas ele não me permitiu.

Tão certo do que fazia, o italiano me pegou no colo, enterrando as mãos no meu traseiro. Levou-me até o pequeno sofá do quarto e me colocou com os pés sobre o assento; e então, afastou-se e arrancou a roupa rapidamente, deixando-me quieta enquanto apreciava seu corpo. A ereção completa denunciava o quanto aquilo era torturante para ambos.

Avancei para beijá-lo novamente, mas Leonel me pegou pelo quadril e me obrigou a me sentar em cima do encosto.

Afastando meus joelhos sem muita delicadeza, ele encaixou o corpo entre minhas pernas e desceu com a boca por toda minha pele, traçando um caminho certo até meus seios, enquanto seus dedos já tocavam meu sexo, acariciando os pequenos lábios escorregadios perto da minha entrada.

Coloquei minhas mãos sobre o cabelo dele, puxando seu rosto contra meu corpo conforme ele sugava meu mamilo duro, tão forte que eu apostava que deixaria alguma marca.

Leonel me fez arfar quando deslizou o dedo para dentro de mim; involuntariamente, pedi mais.

— Por favor — falei em um sussurro baixo, mas completamente audível, e ele me atendeu.

Leonel me largou e se sentou na poltrona. Olhando para cima, sorriu daquele jeito que me desmontava e colocou as mãos sobre minhas coxas.

— Agora vai gritar enquanto eu chupo essa sua bocetinha, menina. Quero que peça misericórdia, já sabendo que não vai receber.

Decretando meu final, ele me ajeitou sobre sua boca, fazendo sua língua tocar perfeitamente no ponto pulsante e inchado entre minhas pernas. Lambeu-me lentamente por um longo tempo, e eu, querendo mais, forcei-me contra sua boca, rebolando contra sua língua, querendo mais daquilo.

Provocador como era, sugou minha carne, sem nenhuma prudência, arrancando de mim um gemido alto quando minhas pernas começaram a fraquejar.

Aquela era a hora de pedir misericórdia?

Eu podia aguentar mais, não? Eu podia ser tão provocadora quanto ele.

Com a decisão mais arriscada, dobrei o corpo para frente, atrapalhando os planos de Leonel quando consegui colocar minha boca sobre seu membro melado.

O gosto era tão bom quanto eu me lembrava, e na primeira sugada que lhe dei, Leonel quase me fez gritar; não por prazer, mas pela surpresa.

Em um segundo eu estava sentada, no outro, com as coxas sobre os ombros do italiano, de ponta cabeça, com apenas suas mãos sustentando o peso do meu corpo enquanto ele se punha de pé.

— Não faça... — O resto da frase morreu quando ele me lambeu inteira e invadiu minha entrada com sua língua.

Eu não deixaria por menos e, naquela disputa prazerosa, chupei Leonel como se fosse uma das garotas dos bordéis. Sem pudor algum, levando-o até o limite da minha garganta, forçando-o toda vez que chegava ao final do vaivém ritmado.

Ele não se continha, gemendo, xingando e me mordiscando em seu descontrole momentâneo. Não havia possibilidade de entrega, nem minha, nem dele; foi por saber disso que ele me colocou na cama e, sem esperar qualquer aviso meu, ajeitou-se entre minhas pernas e me invadiu de uma vez.

Recebê-lo tão úmida facilitou, mas seu membro grande e grosso não me permitiu soltar nenhum outro som que não fosse um gemido alto, seguido de uma arfada longa.

Aspirei e tentei segurar a sensação da primeira estocada, mas tudo só cresceu; e Leonel, mantendo minhas pernas erguidas e separadas, puxou minha mão até meu centro e me obrigou a tocar meu sexo.

Sorri ao encarar os olhos castanhos cheios de determinação e luxúria.

— Você gosta, francesinha? — Ele se dobrou sobre mim, parando completamente dentro, fazendo-me fechar os olhos por um

segundo. — Gosta de sentir o quanto meu pau vai fundo nessa sua boceta apertadinha?

Fiz que sim com a cabeça, sem conseguir responder-lhe, sentindo seu corpo contra minha mão e comprovando o quão junto estávamos; sentindo seu membro dentro de mim, perfeitamente encaixado, causando uma pressão inigualável.

Reunindo meu pouco controle, ergui o corpo e coloquei as mãos nos ombros dele. Ao trazer Leonel para cima de mim, beijei sua boca. Ele recomeçava os movimentos de vaivém com seu quadril.

Desesperada para tê-lo como eu vinha sonhando, forcei meu corpo para cima do dele, aproveitando tê-lo deitado ali. Assim que ele entendeu o que eu pretendia, permitiu que eu ficasse por cima.

Mãos firmes seguiram das minhas coxas até minha cintura, forçando-me a erguer o corpo enquanto eu mexia o quadril para frente e para trás.

Meu ventre parecia se aquecer, meu sexo pulsava, minhas extremidades formigavam.

Apoiei as mãos na cabeceira da cama e olhei para ele.

Vendo-o me admirar naquela posição, definitivamente decidi não fugir, não rejeitar aquilo, nem me culpar por querer algo tão avassalador e intenso.

Ele era tudo.

O tesão e o desejo.

O proibido e o certo.

Pecar nunca havia sido tão instintivo, e se aquilo me rendesse uma vida eterna de punições, que fosse. Desceria ao inferno dançando sobre saltos altos em uma música minha. Podia ser errado, mas, pela primeira vez, era por algo que eu queria. E

como queria!

As mãos dele se afundaram na minha carne, nosso suor se misturava à respiração completamente descontrolada; o barulho da cama batendo contra a parede e as molas do colchão não eram tão altos quanto o som que saía das nossas bocas, e ali, dominando Leonel Luppolo pela primeira

vez, eu gozei com ele. Ele pulsava dentro de mim enquanto meu corpo o comprimia involuntariamente.

∞ ∞ ∞

— O que você veio fazer aqui? — perguntei, deitada sobre seu peito, olhando o homem.

Ele encarava o teto depois de algum tempo em silêncio.

— Não te vi na festa, e sua amiguinha resolveu abrir a boca sobre você ter ficado no hotel, então aproveitei que todos estavam ocupados e vim. Não há algo mirabolante nisso, apenas precisava...

— Do jeito que me deixou antes, eu duvidava que voltaria a me procurar — confessei, sem nenhum receio.

— E como poderia? Você é... peculiar, Madelaine.

— E isso te diverte? É por isso que voltou? — Por um segundo, a expressão em seu rosto me deixou levemente insegura.

— Está arrependido?

Ergui-me um pouco, tendo a atenção dos olhos dele nos meus.

Leonel tocou meu rosto com cuidado. Colocando ambas as mãos em minhas bochechas, puxou-me para cima de si. Antes de me beijar, falou:

— Como poderia? — Seu tom fez as batidas do meu coração saírem do ritmo, mas o beijo estava bom demais para que eu deixasse sua boca e lhe transmitisse o quão intenso era aquilo tudo dentro de mim.

Transamos mais uma vez, sem cuidado, sem pensar, apenas seguindo o que nossos corpos queriam. Enquanto Leonel apertava minha cintura, chupava meu seio, vinha dentro de mim e fazia eu ver estrelas mais uma vez, tive certeza de que, mesmo que estivesse condenada ao inferno, nada seria tão quente quanto estar nos braços daquele homem.

## Capítulo Sete

*“Observando cada movimento*

*Em meu jogo tolo de amantes —*

*Neste oceano sem fim,*

*Onde os amantes finalmente desconhecem a vergonha.”*

## **TAKE MY BREATH AWAY**, Berlin

Pela primeira vez em anos, senti-me como uma adolescente rebelde, quebrando as regras sem me importar com os resultados das minhas ações, sem querer saber quais seriam as consequências de tudo aquilo.

O que me importava naquele momento era a sensação de frio no estômago que aparecia sempre que ele estava por perto ou quando seu nome era mencionado.

— Você precisa tomar alguma coisa para impedir que nossos atos tenham uma maior consequência? — Ele perguntou enquanto me assistia colocar a roupa depois daquela noite cruelmente deliciosa.

— Preciso — admiti. — Eu e... — Não tive coragem de falar o nome do meu marido, já seria demais fingir para ele ao telefone que tudo estava bem entre nós. Suspirei e continuei. — Eu não uso nenhuma forma de prevenção.

— Não há problema, vou cuidar disso. Para essa vez e para as próximas. — Leonel sorriu do jeito que eu tanto gostava, ainda deitado na cama, nu, fazendo-me repensar todo o dia programado.

Por mim, ficaria ali junto dele, mas seria uma loucura maior do que as cometidas até então.

Não éramos um casal, e não havia jeito. Eu poderia usar seu corpo, poderia tê-lo por algumas horas, mas nada nunca além disso.

Meu coração havia congelado como a água da fonte do jardim da minha casa russa.

Não havia verão forte o bastante que pudesse voltar a aquecer o órgão quase insensível dentro de mim. Pelo menos, eu acreditava nisso com toda a convicção possível; no entanto, depois que bati a porta daquele quarto, acabei me questionando, cada vez mais.

A pílula do dia seguinte chegou junto de um buquê de rosas gigante e um pequeno bilhete, escrito à mão, com apenas o número de um quarto e o horário.

Meu coração vibrou, meu estômago parecia cheio de borboletas e, mesmo que minha consciência tentasse a todo custo manter meus pés no chão, minha cabeça já estava nas nuvens.

Aquela tarde seria tediosa, mas o convite para a noite me deixava tão ansiosa e cheia de pensamentos impuros que pensei ser a hora de me confessar. O que adiantaria, de todo modo?

Talvez eu devesse fazê-lo, mas só depois de estar longe daquele homem e de toda a tentação. Seria errado da

minha parte confessar os pecados e continuar com aquela vida.

∞ ∞ ∞

— Madelaine, o que foi? Está distraída demais hoje —

Veridiana me chamou a atenção quando estávamos no carro à caminho da casa do conselheiro da Dark Hand.

— Nada... Só não dormi direito essa noite. — Tentei ser um pouco mais dramática, e funcionou, pois minha amiga sorriu, colocando a mão sobre a minha enquanto dizia ter uma receita ótima para me ajudar a dormir caso eu precisasse.

Mal sabia ela que o que eu menos queria era dormir, pelo menos não quando ele estivesse por perto.

Veridiana me deixou assim que viu Lorenzo, o que não era problema para mim — já que, se eu vivia algo proibido, ela também podia viver.

O problema era que ser recebida na casa dos Callegari com mais honras do que poderia descrever e não ter Leonel presente me deixava relapsa e mentalmente ausente. Eu não via a hora de ir embora para poder estar nos braços dele, sentindo seu cheiro, seu gosto, seu toque... Aquela noite não havia me decepcionado, assim como todo o resto do tempo junto com ele.

Foi na manhã seguinte, acordando com o toque do telefone do meu quarto, que vi o quanto eu estava errada e encrencada.

— Bom dia, Marie. Como está? Nunca te encontro no hotel...

— O tom chateado de Bóris me deixou com a consciência pesada.

Era como ter um elefante com as patas sobre minha cabeça.

— Não fale isso, *mon chéri*. Sabe que os compromissos aqui são muitos...

— Sei. Mas isso não muda o fato de que sinto sua falta e quero notícias suas.

— Não. Não muda... Sinto sua falta também. — E eu sentia.

Bóris era um bom marido dentro do seu alcance, e eu era uma víbora sem coração por estar aprontando às suas costas quando ele me amava e confiava tanto em mim a ponto de me deixar livre... —

Como você está? — Meu tom deve ter entregado alguma coisa, porque, logo em seguida, meu marido tentou se controlar.

— Eu não deveria cobrar nada de você... — ele suspirou do outro lado da linha. — Sei que você faz um grande esforço para ficar aqui ao meu lado, eu não deveria te chatear, Marie.

— Não está me chateando, meu amor, só está frustrado e com saudades de mim. E com todo o trabalho e cansaço... Eu entendo. — Tentei sair por cima do melhor jeito que dava.

— É... — Sabia que ele sorria. — Você me conhece bem, não? Espero que essas próximas duas semanas passem voando para que você volte logo.

— Ah, com certeza. — Fechei os olhos ao processar aquilo.

Duas semanas, era tudo o que eu tinha de sol, diversão e de uma vida social decente.

— Bom, não vou atrapalhar seu dia. Mande um olá para Veridiana e me ligue se precisar.

— Fique tranquilo, *mon chéri*, está tudo sob controle — menti.

— Eu sei, amor. Mas te quero de volta.

— E eu vou voltar, espere só mais um pouco.

Aquela foi a nossa despedida, culpada por me dilacerar um pouco mais, pensando em como eu era uma cretina por trair meu marido com um dos homens que ele mais odiava na face da terra —

e ainda querer mais.

Bom ou não, divertido ou não, aquilo precisava parar.

E decidida, quando o recado daquele dia chegou, escrevi apenas um “não vou” e mandei devolver ao remetente.

Que Deus me ajudasse, mas eu duvidava que ele fosse ouvir as orações de uma pecadora como eu.

∞ ∞ ∞

O encontro da Família naquela tarde era na casa dos Lazzarin. Seria um encontro de horas, do começo da tarde até tarde da noite, e eu não sabia o que fazer. Temia que, se fingisse não estar bem para ficar no hotel, ele aparecesse. Se eu fosse, tinha medo de não conseguir disfarçar.

Publicamente, no entanto, eu corria menos risco do que sozinha com ele em um quarto fechado.

Usando mais um dos meus vestidos de verão, cheguei na grande casa dos Lazzarin às duas. O portão preto gigantesco abriu-se, e o motorista parou em frente à porta de entrada que abrigava um leão de pedra deitado sobre as escadas.

Vicenza, que aguardava à porta com sua filha a tiracolo, estava com os cabelos soltos e um vestido branco muito bem-cortado até a altura das canelas. O sorriso em seu rosto demonstrava o quão feliz ela realmente estava por nos ver. Assim que a italiana me abraçou, falou animada:

— Que bom que chegaram, estão todos aqui! — E seguiu por um corredor cheio de quadros até uma sala grande e harmoniosa que se abria ao final do caminho.

— Tem muito bom gosto, Vicenza! — elogiei, tentando soar o mais normal possível, ainda mais por ver que dentre os rostos

conhecidos ali, estava Fiama, e isso significava que Leonel podia estar em algum canto por aí.

— Obrigada! Meu marido gosta de me mimar, sabe como é.

— Ela piscou para mim, e sorri de volta, secretamente constrangida.

— E ele não deve se arrepender disso.

— Lorenzo não está aqui... — Veridiana lamentou quando, depois de olhar para todos os lados, não encontrou seu par.

— Ah, os Ferioli não vêm hoje. Infelizmente, depois da morte da matriarca, eles estão decidindo alguns assuntos de família... —

Vicenza comentou baixo, e eu vi Veridiana murchar ao meu lado. —

Bom, meninas, aproveitem a festa. Vou levar essa garotinha lá para cima, porque já passou da hora da soneca dela. —  
Acariciando o rosto da filha, que parecia irritada e indisposta a qualquer conversa, Vicenza sumiu pelo corredor por onde havia nos guiado.

Virei-me para Veridiana.

— Pense pelo lado bom, Veri, você vai poder se socializar com mais gente agora, aproveitar outras companhias. Lorenzo monopoliza sua atenção.

— É, você deve estar certa... Vamos, vamos lá para fora.

Quero tomar um ar e beber alguma coisa.

Arrastando-me, cumprimentei com Veridiana todos os que encontramos pelo caminho até passarmos pela grande porta que dava para a piscina.

Havia uma mesa cheia de petiscos ali fora, além de três garçons que passavam servindo comidinhas e bebidas para todos os outros.

Assim que o um deles passou por nós, Veridiana pegou duas taças de vinho branco e brindou comigo.

— Eu amo a América! — Ela sorriu antes de levar a bebida aos lábios, e eu a imitei.

— Alguma de vocês já tem vinte e um? — A voz feminina atrás de mim me surpreendeu, ainda mais quando me virei para encontrar Fiama, a loira perfeita, alfinetando-nos.

— Uma mulher casada não pode ligar para esse tipo de regra, certo? — brinquei, ainda envergonhada, enquanto olhava nos olhos da mulher cujo marido dormia comigo.

— Está completamente certa. A tendência ao álcool vem junto com o casamento e a maternidade — falando isso, ela olhou para longe e gritou: — Matteo, saia de perto da piscina, agora! — O

menino de olhos claros não gostou da ordem recebida, mas não desobedeceu, correndo para o outro lado, para longe da mãe. —

Ah, crianças... Eu preferia não os ter. Antes tudo era mais fácil, agora não posso dormir, não quando sei que meus filhos estão em perigo constante.

— A maternidade deve ser realmente desgastante —

Veridiana comentou —, mas não vejo a hora de ter os meus. Logo que me casar, pretendo engravidar.

— Não faça isso! — Fiama alertou, como se Veri tivesse vozeado um palavrão. — Aproveite seu casamento, assim como Madelaine aproveita o dela. Filhos são necessários nesse negócio familiar, mas se você pretende que o pai fique ao seu lado por toda a vida das crianças... — ela desabafou antes de dar um gole em sua bebida. — Louis, meu primogênito, está longe há tanto tempo que é como se meu coração estivesse fora do corpo. Meu marido disse que ele precisava ser preparado antes do tempo, e não há nada no mundo pior para uma mãe do que não ter notícias do próprio filho. Não saber se ele está com frio, com fome, se

está bem ou feliz... — ela começou a divagar. Antes que eu pudesse falar algo, Fiama limpou o canto dos olhos, evitando que alguma lágrima escapasse, e suspirou. — Me desculpem. Não existe um manual de como ser mãe de meninos, pelo menos eu não sabia que seria assim.

— Não fique assim. — Tentei consolá-la, mas não tive muito sucesso, pois Fiama se afastou assim que coloquei minha mão sobre seu ombro.

— Não, já passou. É só um pequeno momento de fraqueza.

Meu pai sempre disse que eu deveria deixar o coração de fora, mas filhos não pedem permissão para nada. Uma hora você vai saber como é...

*Ou não, pensei.*

Fiama começou a tagarelar, Veridiana caiu na dela, e logo outras mulheres se juntaram à nossa rodinha. Foi naquele momento

inoportuno, que, de repente, Leonel surgiu junto com os outros.

Ele mal me olhou, e de novo, mais do que antes, ser ignorada por ele doeu como ser jogada em uma fomalha.

Tentando disfarçar o melhor que podia, entrosei-me na conversa e tentei parecer atenta ao assunto, mas mal consegui esconder o quanto ele me deixava abalada, principalmente porque minhas mãos tremiam e suavam. Foi graças a essa exibição de ansiedade que, ao pegar uma garrafa de vinho que estava próxima, consegui a proeza de derrubar a bebida quase toda na minha roupa antes de deixar taça e garrafa caírem no chão, chamando toda a atenção para mim.

— Ah, Madelaine, você está bem? — Vicenza perguntou, parecendo alarmada.

— Estou, me perdoe por isso. Você tem algum banheiro onde eu possa me limpar? — Sabia que estava vermelha feito um tomate e que todos me olhavam; por isso, mantive o foco apenas na minha roupa.

— Claro, lá em cima, terceira porta à direita. Vá lá e deixe que os funcionários cuidem da sujeira — ela falou, depois de me ver tentar reunir os cacos com o pé.

— Ok. Me desculpe. — Encarei envergonhada os gentis olhos verdes de Vicenza e segui para onde ela indicou, saindo o mais rápido que podia.

No banheiro, arranquei o vestido. Com uma toalha úmida, limpei do corpo os resquícios de vinho, ainda acelerada por conta de toda a vergonha que havia passado. Como eu podia ser tão boba?

Era um evento onde a mulher dele estava. Não havia motivo para ficar ansiosa, não havia motivo para ficar balançada.

Coloquei as mãos sobre a pia de madeira escura e me encarei no espelho por alguns minutos enquanto respirava fundo e tentava me acalmar.

Ouvi alguém bater à porta e fui abri-la, pensando ser Vicenza com alguma peça de roupa; mas, da cabeça aos pés, meu corpo paralisou diante de Leonel, com cara de poucos amigos.

— Precisamos conversar — ele disse, já abrindo a porta e entrando.

Dei dois passos para trás, vendo-o trancar a porta e vir na minha direção.

— Leonel. — Achei minha voz, mas ela saiu fraca e falhada.

— Sua mulher está lá embaixo... Estamos no meio de uma festa da Família!

Ele ignorou meu protesto. Pegando-me pela cintura e guiando meu corpo, colocou-me sobre a pia.

Encaixando-se entre minhas pernas, Leonel manteve uma das mãos em minhas costas, juntando nossos corpos, e, com a mão livre, agarrou meu pescoço com brutalidade, obrigando-me a ficar com o rosto próximo ao dele.

— Que história é essa de “não vou”? — O tom autoritário e baixo fez um arrepio percorrer todo o meu corpo.

— Eu... Não. Não posso mais.

— Pode. Ah, francesinha, se tem uma coisa de que tenho certeza é que você pode, sim. — Ele não esperou uma réplica minha, que eu duvidava ser convincente, de qualquer forma. Eu o queria, como negar? Só por tê-lo ali, entre minhas pernas, pegando-me daquele jeito, fazendo-se dono de mim, a umidade entre minhas pernas era capaz de encharcar minha calcinha.

E se o problema fosse apenas físico, eu tentaria, de toda forma, ignorar as borboletas malditas que voavam dentro do meu estômago, ou a contração que sentia começar dentro de mim, sedenta pelo corpo dele. Essa, de fato, era a parte fácil.

Difícil era afastar a boca dele, que vinha à minha, e resistir a como meu coração batia forte. Leonel tinha poder sobre o

meu corpo e, eu sabia, sobre minha alma.

Punindo-me por tê-lo rejeitado, o italiano me beijou como nunca havia feito antes, esfregando-se em mim, mostrando-me como ele estava pronto para me possuir ali mesmo. Ele não fez cerimônia.

Abrindo as calças depois de ver que eu não fugiria, Leonel abaixou a cueca e puxou meu quadril para frente. No tato, afastou minha calcinha e me invadiu sem pedir licença, sem qualquer cuidado.

Meu gemido contra sua boca pareceu transformá-lo, pois ele não transou comigo, nem mesmo fez amor. Leonel me fodeu. Firme e preciso, bruto e forte. Fodeu-me o corpo, a mente, o coração, e só parou quando gozou comigo.

— Não diga não para mim, nunca mais — ele disse, com a respiração tão descontrolada quanto a minha, segurando nos meus cabelos.

— Não vou — prometi, com dificuldade na fala.

— Te vejo mais tarde. Invente algo e vá embora logo depois do jantar. — Falando isso, afastou-se, ajeitou as calças e, depois de ver se o corredor estava vazio, foi embora.

Eu perdi a noção do tempo. Não sabia se ele tinha ficado ali por dez minutos ou uma hora — e pouco me importava, para dizer a verdade.

Limpei-me, coloquei o vestido que já estava praticamente seco e ajeitei o cabelo, demorando mais um tempo para sair enquanto ensaiava uma bela desculpa por tamanha demora. Abri a porta, sabendo que aquele era o início das duas semanas mais loucas da minha vida, mas que tudo

valeria a pena; seria apenas uma fase, uma aventura que acabaria assim que eu entrasse no avião.

∞ ∞ ∞

— Podemos ir embora, por favor? — Foi com esse pedido e os olhos cheios d'água que Veridiana me abordou na última festa de gala da temporada.

Peguei em sua mão, enquanto meus olhos percorreram o salão e encontraram o motivo de todo aquele desespero.

Lorenzo Ferioli estava de mãos dadas com outra mulher, que, por acaso, eu conhecia. Ela, por sua vez, ostentava um grande e brilhante anel de diamante. Um anel de noivado.

Giulia Riina, filha mais nova de um dos nomes mais importantes dentro da Cosa Nostra, estava lá com um grande sorriso no rosto, completamente entregue ao charme de Lorenzo.

— Ah, meu bem... — falei para Veridiana, com pesar na voz.

— Vamos. — A raiva me abrasou um pouco. Não podiam ter avisado abertamente que ele estava em via de ficar comprometido?

Por que fazer minha amiga de tola? Lorenzo lhe devia também. —

Vamos embora daqui, mas isso não vai ficar assim.

E, de braços dados com Veridiana, saí do salão sem me despedir de ninguém.

∞ ∞ ∞

— Eu e ele... Nós... — Veridiana finalmente falou algo. Ela havia passado o caminho todo em um choro silencioso, mas ali, sentada em sua cama do quarto de hotel, ela começava a colocar para fora, deixando-me espantada.

Olhei para ela, incrédula pelo começo de confissão, e forcei:

— Vocês o quê? Não vá me dizer que... — eu não podia completar a frase, não quando sabia que aquilo era terrível demais para ser colocado em palavras. Se trair meu marido era ruim, perder a virgindade com um homem que não fosse seu marido deveria ser mil vezes pior.

— Sim! Nós fizemos! Ele prometeu que ia conversar com os pais dele!

— Meu Deus! — tapei a boca com as mãos, começando a entender toda a gravidade daquela situação. — Veridiana, por que não me contou antes?

— Porque eu não queria que você impedisse! Você teve o casamento perfeito, tem uma vida perfeita, Mad! Como eu poderia dizer a você que ia sair da linha? Como eu poderia confessar em voz alta que eu... — Não aguentou terminar, debulhando-se em lágrimas, num choro alto e sentido.

Sentei-me ao seu lado e a acolhi nos braços, sacudindo-a como um bebê enquanto tentava acalmá-la, sem parar de pensar em alguma solução.

Quando eu finalmente a deixei adormecida, saí do quarto dela. Assim que fechei a porta, surpreendi-me por encontrar o rapaz Ferioli ali.

Seu rosto era uma máscara, mas, com o paletó no braço, ele me perguntou:

— Posso falar com Veridiana?

— Agora? Não. Não pode. Consegui fazê-la parar de chorar, e ela finalmente adormeceu... Lorenzo, por acaso você enlouqueceu? Sabe o que fez com ela?

— Sei. Eu gosto dela, de verdade. Não esperava que o acordo do meu pai desse certo... — O tom de lamento dele só me deu mais raiva.

— Tivesse tido colhões e decidido isso antes de levar minha melhor amiga para a cama! — Avancei, enfiando o dedo na cara dele. — Você seguirá sua vida sem nenhuma marca, mas ela? Ela vai carregar essa mágoa para sempre, além do fato de precisar encobrir a perda da virgindade! Já pensou o que os pais dela podem fazer? Já pensou na guerra que seria?

— Ela... — ele tentou falar, mas desistiu.

— Ela nada! Da próxima vez que colocar os olhos em Veridiana, seja homem e peça perdão por todo o estrago que fez.

Depois, faça um favor a si mesmo e nunca mais olhe na direção dela, entendido?

— Claro...

— Bom mesmo. Agora, se pode me fazer o favor, vá embora e não volte.

Meu tom ríspido fez Lorenzo encolher os ombros e obedecer.

Permaneci como um leão de chácara no corredor até ter certeza de que ele desapareceria, e só então entrei no meu quarto.

Fechei a porta, sem acender as luzes, e fiquei alguns segundos em silêncio, apenas respirando fundo, pensando em quão desgraçada estava sendo aquela viagem.

— Está tudo bem? — A voz na escuridão me fez jogar o corpo contra a porta, assustada, e logo acendi a luz, encontrando Leonel sentado em uma das poltronas do meu quarto.

— Meu Deus! — Coloquei a mão sobre o peito, sentindo o coração bater forte demais.

— Pensei em fazer uma surpresa, já que você saiu sem se despedir.

— É, e já deve imaginar por quê. — Meu tom não foi o mais amigável, mas assim que me vi recuperada do susto, tirei os sapatos e caminhei até o banheiro. — Como você pôde não me avisar sobre o que estava acontecendo entre Lorenzo e a garota Riina? Veridiana está marcada como tola, e, além disso... Que merda! — exclamei, depois de arrancar os brincos e o colar.

— Eles transaram, é por isso que está tão brava?

Saí do banheiro para encarar Leonel enquanto soltava o cabelo.

— Como não ficar? Ela foi idiota, mas ele... ele foi um descarado! Deu esperanças a ela, e depois a destruiu!

— Sinto muito, mas não posso mudar as coisas. Elas são como são, e eles são tão culpados quanto eu e você.

— O que há entre mim e você é... — hesitei — diferente.

— Diferente? — ele se levantou. Estava apenas de camisa e calça. — Diferente como?

— Ora, diferente — respondi, um pouco incerta.

Ele vinha na minha direção.

— Está dizendo que se você fosse ela e eu fosse ele, você resistiria? — Estava perto o bastante para que eu sentisse seu hálito contra meu rosto.

— Sim. É óbvio que sim — afirmei com tanta convicção que vi a dúvida passar por seus olhos por um segundo antes de ele me colocar contra a parede.

— Eu duvido.

— Não duvide disso, eu teria todas as estratégias para nunca ficar sozinha com você — sussurrei, não tão brava quanto antes.

— Se eu tivesse colocado os olhos em você antes, assim como seu marido fez, seria eu a ocupar o lugar dele.

A declaração de Leonel me deixou sem saber o que falar.

Seu olhar era verdadeiro, e não havia nenhum vestígio de incerteza em sua voz. Quis acreditar que aquilo era mentira, mas a

forma como ele me tomou em seguida não me deixou espaço para nenhum questionamento.

Leonel me puxou para si, beijando-me de forma avassaladora, enquanto seus dedos achavam o zíper do meu vestido.

De repente, me vi nua com ele, sob os lençóis da minha cama, completamente entregue mais uma vez.

Quando acabamos, Leonel me tirou de cima dele com delicadeza e se livrou da camisinha.

— Isso é uma merda — reclamou, puxando-me para cima de seu peito.

— Não gosto, mas não há nada que possamos fazer, há?

— Não... — Ele quase riu. — Mas se fosse em uma outra vida, em uma outra circunstância...

— Se essa fosse outra vida, eu poderia dizer que estou apaixonada por você.

— E eu pediria para você ficar. — Ele beijou o topo da minha cabeça, e nós ficamos em silêncio, aproveitando um ao outro naquela terrível contagem regressiva.

Eu não queria voltar para a Rússia, não queria voltar para o frio e não queria, de forma alguma, deixar Leonel. Mas aquela era uma vontade que só caberia em outra vida, não naquela que eu levava, e não havia nada que pudesse mudar isso.

## Capítulo Oito

*“Quero saber o que é o amor,*

*Quero que você me mostre —*

*Quero sentir o que é o amor,*

*Sei que você pode me mostrar.”*

**I WANT TO KNOW WHAT LOVE IS**, Foreigner Acordei antes que o despertador tocasse. Mal havia dormido aquela noite.

A agonia de saber que em algumas horas eu estaria dentro de um avião, retornando para o que costumava chamar de casa, dava-me um nó no estômago e uma sensação de sufocamento torturante.

Respirei fundo e encarei o teto do meu quarto de hotel.

Eu sentiria falta daquela cama, daquela cidade e, mais do que poderia colocar em palavras, sentiria falta de Leonel — de seu senso de humor ácido, seu sorriso provocador, seus beijos devassos, seus toques atrevidos... Deus, como eu conseguiria deixá-lo para trás? Coloquei o travesseiro sobre o rosto e gritei, tentando jogar um pouco do que sentia para fora, querendo que aquilo não doesse tanto.

Era o nosso último encontro, e, enquanto Veridiana planejava um último encontro com Lorenzo para que as coisas entre eles se acertassem, eu e Leonel nos encontraríamos do outro lado da cidade, em um hotel diferente, longe de qualquer olhar curioso e indevido.

Lá estava eu, com a melhor lingerie que tinha por baixo do vestido branco, dentro do elevador, ansiosa para a nossa última vez.

Depois daquilo, eu sabia, nunca mais colocaria os meus pés na América. Bóris não merecia uma segunda rodada daquela

traição, e eu não aguentaria esconder tão bem ou fugir de Leonel.

Nós dois éramos como dois astros que se atraíam no espaço sideral, até colidirem estrondosamente no encontro final, acabando com nós mesmos e com todo o resto à nossa volta.

Eu tinha meu marido, minha honra. Ele tinha sua mulher, seus filhos, a Dark Hand. Era evidente que toda aquela aventura das últimas semanas ia acabar, e eu vinha sendo estúpida de não pensar nessa parte.

Despedidas eram sempre dolorosas, mas aquela teria o gosto mais amargo de todos.

Bati à porta e mal precisei esperar. Ele a abriu e, antes que eu pudesse enxergá-lo direito, puxou-me para dentro, fechando a porta de imediato e já me pegando pela cintura. Juntou nossos corpos e beijou minha boca com urgência.

Eu não reclamei, muito pelo contrário.

Parecia que ali, frente a frente, tudo era pior.

E era pior por ser real.

Não só todos os problemas que causaríamos caso alguém descobrisse sobre nós, mas porque meu coração batia forte, completamente entregue, admitindo sua derrota naquela briga interna avassaladora. Eu estava apaixonada demais por aquele homem e por tudo o que ele me dava em troca só por estar por perto, e não havia nada que eu pudesse fazer.

Que Deus me perdoasse, que fechasse os olhos enquanto eu me entregava pela última vez, com tudo o que eu tinha e tudo o que eu era.

No final das contas, quando Leonel me colocou deitada sobre a cama, apenas de lingerie, eu não tinha nada pelo que me arrepender.

Ele se deitou ao meu lado, apoiando-se em um dos braços, e me beijou novamente. Sua mão livre percorreu minha pele, primeiro o colo, depois os seios, apalpando sob o sutiã ao mesmo tempo em que mordiscava meu lábio inferior. O italiano não perdeu tempo, descendo pelo caminho do meu ventre, invadindo minha calcinha com os dedos atrevidos, tocando-me como se fosse o mais experiente dos músicos, fazendo de mim seu instrumento.

Meu sexo molhado, inchado, sedento. Seus dedos em movimentos certos e ritmados eram uma tortura para mim.

— Leonel, por favor — chamei seu nome contra sua boca e, antes que pudesse abrir os olhos, senti quando ele parou de me tocar. De repente, a pressão contra a minha pele foi forte e o barulho de tecido rasgando me fez entender o que acontecia. Eu ri, mas isso não o desencorajou a avançar sobre mim.

O homem me dominou em segundos, a boca desceu por meu corpo, traçando o caminho direto para o meu centro. Tal como se banqueteara dos meus lábios, tomou conta do meu sexo, beijando ali como se pudesse sorver tudo de mim.

Sua língua parecia pertencer a um felino, causando espasmos no meu corpo a cada movimento atrevido, fosse lambendo-me ou invadindo-me para sentir meu gosto.

Incansavelmente, Leonel fez com que eu gemesse tão descontroladamente que não sabia qual havia sido o momento em que tinha começado a gritar.

Se fosse capaz, teria explodido em mil pedaços ali mesmo.

Depois, provei meu gosto em sua língua e o aproveitei enquanto meu corpo se acalmava.

Tentei registrar seu corpo em todos os meus sentidos. As cicatrizes, os músculos, os pelos. Cada detalhe de sua pele, de seu gosto. Eu queria ter tudo na mente para que mais tarde pudesse visitar aquelas memórias sem perder nada.

Foi tão natural quanto podia ser quando Leonel encaixou-se em mim, percebendo que eu estava pronta para continuar; e em uma mistura clara de fazer amor e foder, invadiu-me, determinado a fazer essa ser a mais intensa e deliciosa transa.

O italiano não me decepcionou nem um pouco.

Sentir seu corpo sobre mim, a fricção entre nossa pele e em meio aos beijos, aos sussurros, às palavras desconexas, ao cheiro dele e ao sexo... Nada seria tão pleno para mim do que estar entre seus braços. E mesmo que aquela fosse a última vez, eu acreditava fielmente que em uma outra dimensão havia um Leonel e uma Madelaine que não precisavam se separar nem se esconder.

Ele se colocou de pé depois de me dar prazer pela terceira vez, e eu fiquei de joelhos bem em frente ao seu membro, tomando-lhe na boca, chupando-o entre curtos movimentos de vaivém, enquanto sentia meu gosto nele e assistia sua feição de orgulho e tesão. Seus olhos fixos em mim.

Não demorou muito para que ele viesse na minha boca.

Leonel gemia alto enquanto segurava meus cabelos com brutalidade, mas eu não o decepcionei, engolindo tudo,

sentindo seu gosto forte em minha língua. Continuei ali até limpá-lo completamente, sem desperdiçar nem uma gota.

Ele riu, caindo sobre a cama; e eu, ainda no chão, encarei-o.

— Venha aqui, francesinha. Quero manter você por perto por quanto tempo puder. — Ele estendeu a mão para mim, e eu aceitei, deitando-me ao seu lado, sentindo o calor de seu corpo nu junto ao meu.

— Eu não quero ir — confessei em voz baixa depois de algum tempo, sabendo que lágrimas escapavam dos meus olhos enquanto ele acariciava meus cabelos.

— Eu também não quero que você vá, Madelaine, mas não há outra forma...

— Eu sei — lamentei, segurando o choro na garganta, sentindo o nó se formar.

Leonel suspirou e beijou-me a testa antes de limpar a lágrima que caía.

— Você pode voltar. Posso convidar seu marido para o Natal, ou para o próximo verão...

— Seis meses ou um ano — ri em deboche. — Bóris não vai permitir que eu saia de perto dele. Pelo menos não tão cedo.

Ficamos abraçados, quietos, enquanto a verdade sobre nossa situação nos cobria.

Tínhamos prazo de validade e não havia nada que pudéssemos fazer sobre isso.

Depois de horas apenas trocando beijos e carícias, o relógio marcou quatro da tarde. E eu, mesmo sem vontade, levantei-me.

— Preciso voltar, terminar de fazer as malas e... ir —  
lamentei.

— É. Eu sei. — Seu tom nada animado me deixou mais confortável.

Era bom saber que aquilo era ruim para os dois.

Coloquei as roupas, fui para junto dele e o abracei de pé. Ele não se levantou.

— Existe algo que eu possa fazer? — perguntou, com o rosto contra meu abdômen.

— Existe. — Segurando o choro, afastei-me para que pudesse ver seu rosto. — Sinta minha falta e não tenha isso com mais ninguém.

O sorriso que ele abriu foi meu combustível. Leonel me puxou para o nosso último beijo e, contra a minha boca, ele disse.

— Eu prometo.

Eu ri, virando-me o mais rápido possível para sair antes que ele pudesse me ver chorar.

∞ ∞ ∞

— Como foi sua tarde? — perguntei para Veridiana, tentando fazê-la falar de si mais do que eu gostaria de ouvir, tudo porque queria evitar ser o alvo das perguntas.

— Foi boa... Bem, é o que eu já sabia. Lorenzo disse que sente muito e que foi idiota ao me levar para a cama. Disse que se eu quisesse, ele brigaria por mim, porque mal conhece sua noiva.

Mas, na verdade, Mad, eu não sei se o quero.

— Como assim? — perguntei, espantada. — Ele quer te assumir e você está correndo disso?

— É — Veridiana suspirou. — Eu prefiro ir embora e me curar dessa coisa estúpida que sinto por ele. Vou achar uma desculpa para o meu pai caso alguma coisa aconteça e eu precise abrir as pernas. Dizem que quando ficamos muito tempo sem fazer, você sabe, podemos sangrar novamente, então eu vou rezar por isso e esperar. Não sei nem se vou conseguir arrumar um marido, mas, se por acaso arranjar, ele terá que fazer por merecer — afirmou com

tanta convicção que tudo o que pude fazer foi abraçá-la e pensar: *minha pequena Veridiana, mal sabe o que fala...*

Assim que os soldados nos deixaram no terminal de embarque, um deles entregou a mim e a Veridiana grandes sacolas de presentes com o cumprimento da Dark Hand.

Não houve tempo para abrir nada daquilo até estar no voo, mas assim que achei uma pequena caixa de joias dentro da sacola, entre tantos outros presentes, abri sem esperar. Além de um pequeno bilhete onde havia escrito “Eva” na letra que eu conhecia bem, estava um pequeno colar com o pingente de maçã.

Foi ali que eu entendi que não importava se eu nunca mais o visse, o que importava era que ele havia tirado a venda dos meus olhos — e que, para o bem ou para o mal, eu nunca mais seria a mesma.

## Capítulo Nove

*“Preciso de você ao meu lado*

*Para me dizer que está tudo bem,*

*Pois acho que não aguento mais.”*

### **IS THIS LOVE**, Whitesnake

Quando o carro parou em frente à mansão em que eu morava, algo dentro de mim não reconheceu aquele lugar como lar.

Veridiana tinha ido embora na conexão que fiz na França, e eu segui sozinha, com o coração pesado e a cabeça cheia de memórias perfeitas de tudo o que tinha vivido durante aquela temporada.

O soldado que me recebeu no aeroporto veio abrir a porta do carro para que eu pudesse descer e, pé ante pé, como se não quisesse ser notada, segui até a porta de entrada, sendo pega de surpresa.

— Finalmente, Marie! — A recepção calorosa de Bóris fez com que eu sentisse que o colar em meu pescoço pesava uma tonelada.

Meu marido abraçou-me pela cintura e tirou meus pés do chão, girando meu corpo enquanto eu o agarrava o mais firme que podia, tentando demonstrar pelo menos metade da empolgação dele.

Colocando-me no chão, beijou-me os lábios como não fazia há tempos, e eu tentei corresponder como deveria.

Parecia ter dado certo, mesmo que só durante aqueles quinze primeiros minutos, mesmo que eu soubesse que tudo era falso: minha alegria, meu sorriso, meu beijo, minha empolgação.

— Como foi a viagem? — ele segurou meu rosto entre suas mãos firmes, olhando em meus olhos como se soubesse que algo

estava errado.

— Cansativa... — Tentei sorrir, simulando um tom de voz o mais leve possível, para que ele não notasse nada além daquilo que eu queria mostrar.

— Eu imagino. Suas malas vão subir daqui a pouco, por que não vai para o quarto tomar um banho? — Ele beijou minha cabeça e se afastou um pouco. — Preciso resolver algumas coisas, mas te acompanho daqui a pouco. — O sorriso no rosto dele entregava o quanto estava feliz por ter-me de volta. Apesar de meu semblante parecer tão contente quanto o dele, por dentro eu podia ouvir o som das gotas de sangue que pingavam do meu coração.

Completamente afundada na tristeza, tranquei-me no banheiro e coloquei a banheira para encher, aproveitando a água quente para chorar o quanto precisava, dizendo para mim mesma que tudo ficaria bem.

Por sorte, adormeci antes que Bóris voltasse, e ele não me acordou.

Pelo menos eu teria um dia de folga para voltar ao meu papel... ou não, já que, na manhã seguinte, Bóris acordou-me com pequenos beijos no pescoço, descendo por meu colo.

Eu sabia que devia reagir com um pouco de interesse, mas fora acariciar seus cabelos, eu não consegui ir além. Meu marido beijou-me entre as pernas e me penetrou gentilmente, cheio de óbvia saudade, chamando meu nome a cada estocada. Eu não conseguia retribuir, mesmo tentando a todo custo fechar os olhos e imaginar Leonel ali; cada vez que eu ouvia a voz de Bóris, algo esfriava. Não houve um pingo de prazer naquilo, e o alívio que senti quando ele veio dentro de mim foi indescritível.

Tinha, finalmente, acabado.

— Você não gostou? — ele me perguntou quando saiu de cima de mim.

— Não é isso, *chéri*, é que estou muito cansada. Assim que me recuperar da viagem, prometo que será melhor — falei com a mão esticada, tocando suas costas.

Bóris se ajeitou. Pegando minha mão e levando até sua boca, beijou meus dedos e murmurou:

— Você sempre é boa, Marie.

Abri um pequeno sorriso e me virei na cama, abraçando os travesseiros enquanto tentava voltar para o sono sem sonho.

— A senhora voltou! — O tom empolgado de Olga me fez levantar-me.

Já havia acordado fazia tempo, mas vinha enrolando o quanto podia antes de sair do meu quarto.

— Voltei ontem e estranhei que você não estava à porta para me recepcionar.

Ela era uma boa amiga ali. Não tinha certeza se pensava assim só por ela ser a única, ou então por eu poder ensinar-lhe coisas que ela não sabia.

Olga era a filha desgarrada de uma família dizimada, e era obrigação do meu marido mantê-la segura; mesmo assim, eu nunca havia visto um olhar de interesse da parte dele para ela. Olga com certeza não era um risco, apesar de eu vê-la olhar para mim e para Bóris com alguma cobiça.

— Como foi na América? É tão bonito quanto nas fotos?

— É, sim. Fui a bailes e eventos de caridade, jantares e festas à beira da piscina. Lá estava quente, um calor que há muito eu não aproveitava.

— Dá para ver, sua pele está bronzeada. Deve ter sido muito bom... — ela se conteve na empolgação, e eu ri, bebendo da xícara de chá que ela havia trazido.

— E aqui? O que aconteceu na minha ausência?

— Nada demais... Não houve nenhum baile. Na verdade, eu passei boa parte do tempo no quarto. — O tom dela não era nada infeliz. Parecia que Olga havia se conformado a levar aquela vida, e eu tinha pena da menina.

Se fosse ela, pegaria a herança dos pais e cairia no mundo, pronta para viver tudo o que pudesse.

Olga me acompanhou durante o restante dos dias, das semanas e dos meses que se passaram. Bóris notou que havia algo de errado, mas parecia ter medo de ir adiante ao me perguntar o que estava acontecendo. E eu, ainda pensando *nele* diariamente,

não conseguia deixar para lá, por mais que quisesse com todo o meu coração.

Era como se minha alma tivesse ficado do outro lado do mundo, junto a Leonel, e ali, naquele palácio gelado, só havia sobrado a carcaça.

Foi por causa de toda essa minha apatia que comecei a deixar de me alimentar como devia; preferia ficar mais tempo dormindo do que acordada e tinha mal-estar quase sempre que me forçava a comer. Tornei-me introspectiva e irritadiça.

Tudo era motivo para chorar, tudo era faísca para acender uma fúria dentro de mim — fúria que acabou levando Bóris e eu a discutirmos como nunca.

Foi assim, não conseguindo mais engolir aquela vida desgraçada, que a pior de todas as brigas aconteceu.

— Marie, você precisa comer — ele bronqueou enquanto mexia em seu prato.

Parecia uma ordem, e eu, que desenhava com o garfo no meio do molho, larguei os talheres sobre a mesa, fazendo mais barulho que o necessário.

— Não quero. — Meu tom era de desafio, mesmo que a voz soasse monótona.

Bóris ergueu os olhos, não entendendo minha atitude.

— O que está acontecendo?

Com as mãos no colo, assistindo-o limpar a boca e colocar as mãos em punho sobre a mesa, afastei minha cadeira e anunciei:

— Não estou com fome.

— Pois você vai comer. Não tem se alimentado nada bem desde que voltou daquela droga de viagem. Na verdade, Madelaine, eu estou farto! — Olga, que estava na mesa conosco, encolheu os ombros e se concentrou no próprio prato quando viu meu marido se levantar. — Estou farto de ver você claramente decepcionada com tudo o que tenho tentado fazer para te deixar bem.

— Não é você... — articulei, mas ele me interrompeu ao se aproximar.

— Eu não sou bom o bastante? Eu não tenho feito o meu melhor por você, como prometi desde o dia em que nos casamos?

— Bóris, eu...

— Não. Não há desculpas para toda a sua ingratidão. — O tom não era o mais gentil e, infelizmente, engoli aquilo como ofensa.

— Eu te ofereci o mundo, e tenho trabalhado duro para que você tenha tudo o que merece, tudo o que poderia querer. Mas você não consegue nem olhar nos meus olhos quando fala comigo. — Bóris se exaltava. Tinha minha atenção total. E se antes eu não o encarava, agora eu o fazia com todo o meu desprezo estampado no rosto. — Você está diferente desde que voltou daquela maldita viagem, desde que colocou seus pés naquela terra venenosa. A culpa é deles! — Ele deu um soco na mesa que me colocou de pé de imediato.

— A CULPA É SUA! — gritei a plenos pulmões, já tremendo, segurando o choro, querendo apenas colocar para fora toda

aquela sensação de sufocamento, toda aquela tristeza que vinha remoendo meu peito. — A culpa é toda sua. Você me trouxe para este lugar gelado, no fim do mundo, e me trancou como se eu fosse apenas sua.

— E não é? — ele gritou de volta. — Eu te trouxe para cá porque você nasceu para ser minha. — Ele envolveu meu rosto com suas mãos, bagunçando-me os cabelos, com o olhar vidrado no meu.

— Eu não quero essa vida de prisioneira, Bóris. Eu quero viver — confessei, já caindo no choro.

— E o que eu te ofereço não é uma vida, Madelaine? O que tem lhe faltado? — Seu tom era tão triste e desesperado quanto o meu, mas ainda raivoso como nunca. — O que você viu, o que desejou, que eu nunca te dei?

— Diversão, Bóris. Frio no estômago, amigos, risadas, danças, jantares e filhos. Filhos! — vozei, sentida, afastando-me dele. — Eu não sou uma boneca, com a qual você pode brincar quando quiser. Não importa quão grande seja a casa, quão distraída você ache que eu possa ficar por ter uma outra mulher para conversar. Nada aqui é bom o bastante, e nunca será!

Após essas palavras, saí da sala de jantar direto para o quarto, trancando a porta assim que passei por ela, querendo ficar

sozinha até toda aquela dor passar — até eu estar consciente o bastante para perceber o quão cruel eu estava sendo com meu marido por causa das minhas decisões tão erradas.

Será que Eva havia se sentido daquele jeito? Será que o Éden e Adão teriam bastado depois de ela ter provado o

fruto proibido e descoberto o que havia do outro lado?

Deitei-me na cama, sentindo minha barriga doer. Antes que eu pudesse fazer qualquer outra coisa, senti uma pontada forte no ventre; logo em seguida, senti algo escorrer entre as pernas.

Arrastei-me para o banheiro, ainda chorando. Assim que ergui o vestido, assustei-me ao ver a quantidade de sangue nas minhas coxas.

Sentei-me na privada, tentando me limpar. Estranhava aquele sangramento, sabendo que eu havia menstruado há pouco mais de duas semanas.

Aquilo não estava certo, mas era o menor dos meus problemas.

Limpei-me como devia e, sem força alguma para fazer mais do que aquilo, arrastei-me de volta para a cama. Dormi como morta logo que o choro cessou.

Acordei com batidas à porta, eram leves, mas insistentes; assim, eu sabia que era Olga. Levantei-me a contragosto e entreabri apenas uma fresta para que ela pudesse me ver.

— Está tudo bem? Pensei que você pudesse querer conversar... — O tom dela quase me fez abrir a porta e me jogar em seus braços.

Queria poder chorar e revelar o real motivo de tudo aquilo.

Do meu sofrimento, da minha tormenta, da minha luta interna.

Mas isso seria como colocar uma arma na cabeça e puxar o gatilho.

Traidores não tinham vez dentro do meu mundo, então apenas balancei a cabeça e agradei antes de fechar a porta novamente.

Senti uma queimação estranha e intensa subir pelo meu esôfago. Eu ia vomitar.

Corri para o banheiro e coloquei o que o corpo achava que era digno de ser expulso, já que eu mal havia comido.

Limpei a

boca, livrando-me do gosto amargo, e voltei para a cama com um pequeno medo sobre os ombros.

E se eu... Não!

Não tinha como.

Eu havia tomado a pílula, nós havíamos nos protegido, e minha menstruação estava normal.

Não.

Impossível.

Com essa certeza mascarada, tentei acalmar meu coração para voltar a dormir pelo maior tempo que pudesse. Porém, se eu soubesse o que estava por vir, teria preferido a morte, porque não poder optar por ela era muito, muito pior.

Capítulo Dez

*“Você não sabe o quanto eu tenho desejado Toçar seus lábios e te apertar forte —*

*Você não sabe o quanto eu tenho esperado —*

*Eu ia te contar hoje à noite.*

*Mas o segredo ainda é só meu,*

*E meu amor por você ainda é desconhecido.”*

**ALONE**, Glee Cast

A primeira coisa que pensei quando vi Madelaine sair pela porta era que aquela era minha chance. Eu gostava dela, Deus era testemunha, mas não podia fazer nada contra o sentimento por seu marido que crescia dia após dia dentro do meu peito.

Bóris havia me acolhido, cuidado de mim, sido meu protetor por tanto tempo que, antes de ela surgir, eu pensara ter alguma chance — uma chance que, qualquer que tenha sido, esvaiu-se assim que a francesa entrou pela porta da frente.

Fisicamente, nossos olhos eram muito parecidos, mas, fora isso, eu sustentava uma cabeleira loira-escura, sobrancelhas claras e lábios mais finos do que eu gostaria, enquanto ela era a magnificência ruiva que percorria a casa — a casa que eu um dia sonhara ser minha. E por isso, só por isso, eu não havia tido nenhum peso na consciência quando começara com as provocações.

No começo, foram apenas roupas mais decotadas, curtas, uma ou outra cruzada de pernas intencionalmente reveladora, mas Bóris não avançara, nem mesmo quando seu olhar caía sobre mim depois de uma semana de abstinência dela.

Parecia que me oferecer daquela forma não era o bastante, então, em uma noite de tempestade, eu havia corrido para o quarto

dele usando a camisola mais transparente que tinha, com a desculpa de estar assustada com os trovões; e ele, finalmente, tocara-me.

O começo havia sido estranho, ele parecia temer o que fazia, mas depois de não me ver fugir, tudo escalonara rápido demais para que houvesse tempo de pensar em qualquer outra coisa que não fosse nós.

Nua na cama que sempre deveria ter sido minha, com Bóris tornando-me mulher, nunca houve um momento tão bom em minha vida.

A dor de ser mandada embora na manhã seguinte fizera meu coração se partir em mil pedaços, mas ter Bóris dois dias depois procurando-me em meu quarto curara a mágoa rapidamente.

Ele não falava nada, só entrava, deitava-se comigo e saía logo depois de eu adormecer. Mesmo isso não sendo como eu havia sonhado, já era melhor do que nada.

Com todas as minhas forças, eu tentara. Tentara fazê-lo se apaixonar por mim, tentara ser a melhor que podia — na cama e fora dela —, e esperara que todas aquelas noites quentes sem nenhuma ressalva me trouxessem o que Madelaine não havia podido dar a Bóris durante todos aqueles anos.

Já havia virado uma rotina rezar todas as manhãs por uma criança, por um filho homem que seria levado ao mais elevado cargo nos negócios, mesmo que bastardo.

E era melhor um bastardo do que filho nenhum, mas não havia sinal de que as coisas haviam mudado, exceto pelo desgosto de ter Bóris me ignorando e fingindo que eu não existia após saber que a mulher estava retornando.

Meu quarto havia virado meu refúgio, minhas preces pareciam fazer eco nas paredes ocas e os santos nos quais eu acreditava pareciam me achar imunda por desejar um homem casado; mas, mesmo assim, eu não desistia. Assistia ao casamento perfeito ameaçar desmoronar.

Três meses depois, eu não tinha um filho, mas ela...

Ela o tinha, e ele não era de Bóris.

— Preciso que fique junto dela. — A ordem de Bóris naquela manhã me machucou. Não por eu precisar ficar perto de Madelaine, mas por não receber nem mesmo um olhar decente da parte dele.

— Madelaine não tem comido direito, parece estar definhando, e não quero minha mulher doente.

— Posso chamar um médico se precisar...

— Não acho que seja o caso. Leve-a para passear, tire-a daquele quarto. Minha mulher precisa de ar fresco.

— Posso levá-la ao teatro — sugeri, tentando ser prestativa.

— É uma ideia. Vá, leve alguns homens junto, mas não voltem muito tarde.

— Como quiser... — suspirei, chateada por ser dispensada tão friamente.

Saí do escritório quentinho, ouvindo meus saltos grossos contra a madeira do chão daquela casa enorme e tão vazia.

Madelaine estava na cama, como parecia ter virado rotina.

Adormecida, ela não pôde reclamar quando adentrei o quarto e me sentei ao seu lado na cama. O rosto suado, o

cabelo desgrenhado; a testa vincada era marca de quem não tinha um sonho sossegado.

— Mad, querida, acorde. — Eu a sacudi de leve, e foi o bastante para que ela abrisse os olhos de imediato, com a respiração acelerada. — É só um sonho ruim — completei, antes que ela abrisse a boca. Ergui-me, indo buscar seu roupão.

— Não. Não é só mais um sonho ruim, porque eu ainda estou aqui — lamentou, sentando-se.

Madelaine se espreguiçou, jogou as pernas para fora da cama e, de repente, como se tivesse sido atingida por um soco no estômago, tapou a boca, com o corpo curvado, e correu para o banheiro.

O som do vômito me causou alguma ânsia, mas não a interrompi. Esperei-a pacientemente enquanto separava sua roupa e deixava tudo pronto para a nossa saída.

— Onde vamos? — ela perguntou quando saiu do banheiro.

Os olhos inchados de quem havia chorado não me comoveram.

Se ela não tivesse retornado tão cedo... eu poderia poupá-la daquela vida. Seria fácil deixá-la livre pelo mundo se Bóris se

apaixonasse por mim.

— Há um espetáculo novo, achei que você fosse gostar de sair um pouco de casa — consegui manter a necessária máscara de serenidade.

— Ah, Olga... — ela veio até mim e me abraçou. — Não sabe como é bom saber que pelo menos tenho você. — O tom chateado de Madelaine guardava algo mais.

— E sempre estarei aqui para você, minha amiga —  
confortei-a.

Fiquei ao lado da ruiva enquanto ela se aprontava, sentindo que Madelaine não era a mesma. Bóris e eu também não éramos.

O que um verão era capaz de fazer com as pessoas?

∞ ∞ ∞

O clima estava bom. Mal dava para notar o vento gelado que soprava vez ou outra graças ao sol que brilhava em um céu sem nuvens. Mesmo assim, aquilo que antes era motivo de comemoração por parte de Madelaine não a consolou nem um pouco.

Seu

rosto

manteve

a

mesma

expressão

de

descontentamento e incômodo dos últimos dias durante a peça.

— Existe algo que eu possa fazer? — perguntei quando vi Madelaine derrubar algumas lágrimas na saída do teatro.

Ela balançou a cabeça em negativa, com o olhar distante.

— Não. Não há nada que alguém possa fazer. Eu só...  
preciso ir à farmácia.

— Precisa que eu compre algo? — Acompanhei seu olhar, encarando o letreiro acima das nossas cabeças.

— Eu só quero passar um tempo sozinha, fora daquela casa, em silêncio, se não se importa.

Dispensando-me com um sorriso cordial — que devia ser o máximo que ela conseguia forçar —, Madelaine seguiu para dentro da primeira loja sem falar mais nada.

Eu não sabia se tinha raiva ou pena dela.

Madelaine tinha tudo o que eu sempre sonhara, mas parecia desprezar intensamente o marido, a casa e a vida que levava. Não havia dúvidas de que algo acontecera na América, mas eu não imaginava que fora algo tão avassalador... Como estava errada!

Apesar de não me maltratar, ela não me deixava ficar tão perto quanto costumava. Parecia estar constantemente de luto, e eu não duvidava que fosse por viver a vida que ela julgava vazia.

Bóris tentou, outros empregados tentaram, mas Madelaine só abria a porta do quarto para mim. Foi assim durante a semana após o passeio.

A rotina era quase sempre a mesma: eu entrava no quarto, levava seu café, esperava que ela terminasse. Ela me pedia para deitar-me ao seu lado e, enquanto segurava minha mão, chorava em silêncio em sua tristeza descabida.

Os empregados falavam que ela havia enlouquecido, e os comentários maldosos começavam a se espalhar para além dos portões da propriedade, na boca de soldados que não sabiam mantê-la fechada.

Em pouco tempo, se Madelaine não saísse daquele quarto, eu não duvidava que seus pais viriam buscá-la e que Bóris me culparia por não ter sido capaz de ajudar sua mulher.

Foi com o sentimento de incompetência que abri a porta do quarto de Madelaine naquela tarde. Arrumei a cama, ouvindo o som do choro vir do banheiro. Quando fui verificar se ela estava bem, encontrei a ruiva sentada no chão, com a cabeça apoiada nos braços, chorando tanto que eu não soube o que fazer — pelo menos até meus olhos encontrarem o pequeno teste de gravidez largado no chão, igual aos que eu havia comprado na expectativa de confirmar a gestação de um filho de Bóris.

Ajoelhei-me na frente dela e peguei o teste, querendo confirmar o resultado, desesperadamente esperando que fosse negativo. Isso justificaria todo aquele choro, toda aquela cobrança em cima de Bóris. Mas não.

Duas tiras.

Positivo.

Madelaine estava grávida.

— Madelaine... — foi tudo o que consegui murmurar. Assim que a ruiva ergueu a cabeça, exibindo o rosto inchado de

tanto chorar, pensei em uma boa desculpa para dar aos outros, pois minha vontade era pegar sua cabeça e bater contra a privada.

Se ela tivesse um filho dele, ele nunca mais olharia para mim.

Eu nunca mais teria chance de conquistar Bóris.

— Estou perdida — ela confessou com a voz esganiçada.

— Não! Digo... Isso é tudo o que você queria, não? Uma criança sua e do senhor.

Ela voltou a soluçar.

Eu não entendia. Coloquei-me de pé.

— Onde você vai? — Madelaine se moveu.

— Vou contar para Bóris... — respondi, sem saber se era aquilo mesmo que faria.

Rapidamente, a francesa se jogou contra minhas pernas e me olhou em completo desespero.

— Não! Por favor, não conte! Eu te imploro, Olga.

— Mas por quê?

— Bóris... Meu Deus... — Ela fechou os olhos, respirando fundo enquanto engolia mais um ataque de choro compulsivo. —

Bóris não pode ter filhos, essa criança não é dele.

E com essa declaração, Madelaine me deu as peças que faltavam para que eu completasse o quebra-cabeça que

montávamos. Aquela era a minha oportunidade de ouro.

Capítulo Onze

*“Que jogo cruel de se jogar,*

*Fazer com que eu me sinta assim —*

*Que coisa cruel é deixar que eu sonhe contigo —*

*Que coisa cruel é dizer*

*Que você nunca se sentiu assim —*

*Que coisa cruel é me fazer sonhar contigo.”*

**WICKED GAME**, Ursine Vulpine

As palavras “punição” e “castigo” estavam atreladas à ausência na minha mente. Ausência na mesa do conselho, ausência de algum dedo, dente ou língua.

Ausência de vida, em alguns casos; mas no meu, em particular, o que mais havia era presença.

Por todo o tempo em que a suspeita rondava minha cabeça, eu via Leonel nos meus sonhos, sentia suas mãos e, por vezes, seu cheiro. E ali, juntando tudo o que podia dentro de uma mala velha, pensando em como fugiria, eu o sentia dentro de mim.

Sua semente forte havia dado fruto.

Um fruto proibido, mas tão nosso quanto algo podia ser.

Tocando o colar em meu pescoço vez ou outra, como forma de pedir proteção e alguma boa sorte, desci as escadas antes que Olga pudesse chegar ao seu objetivo.

Seu olhar entregara que eu havia sido tola, que toda a tristeza e solidão tinham me cegado. Olga nunca estivera do meu lado e, de forma estúpida, eu havia dado a ela a chance de se colocar em evidência diante de Bóris. Como eu não enxergara antes?

Segurando o choro da melhor forma que podia, desci as escadas de madeira escura uma última vez e corri para a porta,

sentindo o vento frio bater no meu rosto assim que coloquei os pés para fora da casa. Era isso o que eu ganhava por não ter aproveitado a cidade em seus últimos dias quentes. O outono terminaria em breve e traria o inverno com toda a sua força.

O soldado da frente de casa me olhou sem entender, mas dei um breve sorriso para ele antes de sair, e não houve nenhuma suspeita. Afinal de contas, até ali, eu era a mulher do chefe e sabia muito bem o que estava fazendo, mesmo que por dentro não tivesse ideia de onde iria parar.

Eu precisava ir embora, precisava ir para longe, ou então, quando ele me encontrasse, não haveria chance alguma de misericórdia.

Traidores tinham destino certo, e o meu estava reservado sete palmos sob a terra.

Quando entrei no primeiro táxi que encontrei, encarei a estrutura da casa em que vivera os últimos anos, tão grande que podia ser vista a quadras de distância. Relembrei como tudo parecera encantador, como a vida cultural da cidade me entretivera durante meses, como eu amara e cuidara de cada centímetro daquele lugar antes de odiá-lo completamente.

Mal podia reconhecer a menina que havia chegado naquele país estranho, mas também mal conhecia a mulher de quatro meses atrás, e tudo aquilo era culpa de Leonel. Ainda assim, não havia arrependimentos, não havia nenhuma chance de eu negar o quanto aquilo tinha sido bom.

Em nenhum dos meus anos de vida eu me sentira tão viva quanto ao lado dele.

∞ ∞ ∞

Chovia como nunca.

Durante todo o tempo em que eu vivera na Rússia, eu não me lembrava de ver uma chuva como essa. Era tanta água que, quando desci do táxi, bastou três passos a céu aberto para que eu ficasse ensopada e com frio até os ossos.

Mesmo assim, continuei para dentro da estação de trem, arrastando a mala pesada da forma menos humilhante possível.

Se meu plano desse certo, quando Bóris soubesse daquela tragédia, eu já estaria longe demais para que me alcançasse.

Com os sapatos quase escorregando no piso liso do saguão, ignorei alguns olhares curiosos e fui direto para a bilheteria.

Eu iria daquele fim de mundo para Moscou e, de lá, buscaria meus pais.

Sim, meu pai poderia me condenar, mas eu era sua filha, merecia proteção.

— Por favor, uma passagem para Moscou — pedi no melhor russo que tinha, e o atendente demorou um tempo com os olhos claros em mim antes de aceitar o dinheiro amassado e me dar o bendito ticket.

Agradei e saí em direção à plataforma de embarque, pronta para ir embora e nunca mais voltar; pronta para contar toda a verdade se fosse necessário, mas nunca, nunca mais me submeter a uma vida fria como aquela.

Desci as escadas da estação de trem o mais rápido que pude, irritando-me ao ouvir o barulho desnecessário que minha mala fazia conforme batia contra os degraus.

Quando a descida torturante acabou, suspirei, sentindo tanto frio quanto podia, e me olhei no reflexo brilhante de um dos espelhos da plataforma.

Meu estado era lastimável. O cabelo molhado e desgrenhado havia virado uma bola ruiva. Meu casaco não era apropriado para aquele clima; eu parecia um animal rançoso. O rosto, inchado e avermelhado, tinha a expressão que eu menos queria exibir, mas que era óbvia. O desespero havia tomado conta.

Não tinha como eu continuar a viagem daquela forma.

Procurei o banheiro mais próximo, entrei em uma das cabines e tratei de trocar de roupa, fazendo tudo tão rápido e de um modo tão automático que, quando dei por mim, já estava sentada na privada, de roupas secas, com as mãos espalmadas contra a porta fechada e deixando o choro sair.

E não era qualquer choro. Senti muito por estar ali. Senti muito por magoar meu marido, por tê-lo feito de idiota, por não o amar como deveria, como fui ensinada a fazer.

Senti ainda mais por ter me apaixonado por um homem que não podia ser meu e por ter provado dele, por ter experimentado todas as sensações que me haviam sido oferecidas, mesmo tão proibidas.

Eu era a Eva e Leonel era a serpente. Eu era a tola curiosa; e ele, o dono do mundo, de tudo o que era pecaminoso e deliciosamente proibido.

Expressei em lágrimas toda a agonia que sentia, toda a dor, toda a tristeza por saber que havia feito da minha vida um emaranhado de intrigas.

Se eu escapasse, se Deus tivesse misericórdia da criança no meu ventre e me ajudasse, talvez eu fosse inocente a ponto de fazer mais uma promessa que eu sabia que quebraria.

— Marie. — A voz dele ecoou pelas paredes do banheiro, tirando-me dos pensamentos. Tapei a boca pelo choque. — Eu sei que está aí. Saia, vamos conversar.

Eu congelei no lugar, sabendo que Deus não aceitaria nenhuma barganha, nenhuma peleja ou voto inatingível.

Homens russos eram nascidos do gelo, e, quando abri a porta daquele banheiro e encarei os olhos de Bóris, soube que a alma deles devia ser tão fria quanto.

— O que faz aqui, ainda mais vestida assim? — ele perguntou, desviando os olhos dos meus, mas, ainda assim, envolvendo-me de um jeito tão sufocante que minhas palavras não conseguiam sair. — Soube de uma história interessante, mas gostaria de comprovar com meus próprios olhos e ouvidos.

— Bóris... — falei baixo, quase em um sopro, mas ele não me deu atenção.

Os passos dele na minha direção ecoaram pelo banheiro vazio. Vestido todo de preto, ajeitando suas luvas, ele se aproximou o bastante para que eu sentisse seu hálito.

— Me disseram que você está grávida — ele me encarou, olho no olho, sem chance de mentira ou fuga. Eram palpáveis a

mágoa, a amargura e a dor. Dor que eu provocara. — Me disseram que aqui... — Ele tocou em minha barriga com o dedo indicador de forma bruta. — Está um maldito italiano.

Me pegando de repente pelos ombros, ele bateu com meu corpo contra a porta do banheiro público. Gritei, assustada.

— Isso é verdade, Madelaine? — urrou, fazendo-me cair em lágrimas de novo. — Como você pôde? — E, pela primeira vez em todos aqueles anos de convivência, Bóris me bateu.

Um tapa forte de mão aberta na minha face esquerda.

Depois, afastou-se, transtornado. Curvei-me, perdendo a força nas pernas, e fui em direção ao chão, enquanto assistia meu marido completamente enlouquecido quebrar todo o banheiro.

Os espelhos foram estilhaçados, os baldes de lixo foram arremessados.

Tinha certeza de que se eu fosse um objeto inanimado, Bóris teria me jogado na linha do trem.

— OLGA! — ele chamou quando se acalmou, e a traidora entrou.

Perfeitamente arrumada, mas com o rosto inchado de tanto chorar. Ela seguiu até ele sob meu olhar de ódio mortal, o

qual evitou do melhor jeito que podia.

— Bóris... Você se machucou? — ela avançou para perto dele, querendo ver sua mão, mas ele a empurrou.

— Vá ajudar aquela vadia francesa. — A ordem foi dada, e a outra tremeu ao se virar na minha direção. Com os olhos fixos no chão, ela deu passos cuidadosos até mim. Assim que tentou tocar-me, afastei-a ameaçadoramente:

— Não ponha a mão em mim!

Ela não se moveu.

Reunindo tudo o que tinha no âmago, ergui-me e esperei.

— Leve Madelaine, Olga. Aproveite e lhe conte no caminho o quanto o corno do marido dela satisfaz você na cama enquanto ela esteve fora.

Meu mundo saiu do eixo.

Encarei Olga, que parecia ter visto um fantasma, dei-lhe um tapa certo e avancei para bater mais.

Se havia traição, havia de ambos os lados. Eu e Bóris havíamos errado, mas Olga era minha amiga, minha confidente!

Ainda tive tempo de disferir mais alguns tapas antes que um dos homens de Bóris entrasse para me pegar.

— Levo a mala também, senhor? — o homem perguntou, mantendo-me com facilidade longe de Olga, que tremia acuada em um canto.

— Não. — Bóris virou-se e veio em minha direção. — Ela não vai precisar de mais nada dali...

Sem mais nem menos, puxou o colar do meu pescoço com força, machucando-me ao arrebentar o fecho, e o jogou no chão.

∞ ∞ ∞

Se me perguntassem naquele exato minuto se eu acreditava em vidas passadas, teria dito que sim. Só nessa vida, eu já tinha vivido umas cinco.

Quando percebi que não estávamos indo para casa, vendo toda a neve acumulada na paisagem que mudava, deixando tudo que era urbano para trás para dar espaço a mais e mais montanhas brancas, soube que algo estava errado. O protocolo era claro, eu seria dada como traidora, Bóris me obrigaria a tirar aquela criança e me denunciaria para os meus pais. Uma reunião deveria acontecer, porém, já estando tão distante de tudo, eu começava a temer por mim, pela criança em meu ventre e por minha família...

O que poderia acontecer de pior? Eu não queria nem pensar.

A Bratva não era misericordiosa.

Com os pés na neve, com a roupa inadequada para o frio que fazia ali — ainda mais com a noite caindo —, avancei com os soldados e com Olga para dentro da sede da fazenda que eu havia visto duas vezes na vida.

Assim que a porta foi aberta e o cheiro de umidade invadiu meus pulmões, quase vomitei. Era quente, sufocante, tóxico.

Na sala, havia uma mesa de madeira com seis cadeiras diferentes, um sofá velho coberto com um pano vermelho e uma TV desligada.

As paredes de pintura gasta deixavam à mostra o descaso com a estrutura.

Eu nunca tinha entrado ali, mas sabia que boa parte dos homens sem família que serviam ao meu marido tinham aquele lugar como lar.

Encolhi-me como podia no canto entre a porta e o sofá.

Fiquei ali, quieta, encarando meus pés enquanto ouvia Olga fungar.

— O que você fez? — perguntei para ela, após dez minutos em silêncio.

O ódio no meu peito não era o bastante para me aquecer, mas me mantinha firme.

— Eu contei. Contei a ele assim que saí do quarto. Achei que ele te mandaria para casa e...

— E te enxergaria diferente? — Ergui o queixo, olhando Olga nos olhos. — Achou que conquistaria Bóris se eu estivesse longe.

Achou que, se contasse para ele que eu estava grávida de outro, ele lhe seria grato. E, mesmo assim, não conseguiu. Está aqui comigo, não sabendo qual será seu destino agora que sabe o segredo dele.

— Eu não fiz por mal — choramingou, fechando os olhos e abaixando a cabeça.

Quis avançar para cima dela, bater em sua cara, machucá-la tanto quanto ela havia me machucado.

Olga havia sido minha única amiga naquela cidade de gelo e, no final das contas, era ela quem me traía, muito mais do que meu marido infiel.

— Não quis fazer mal, mas foi tão traidora quanto eu —  
acusei, ferina. Depois me calei.

A cada segundo que passava, a ansiedade começava a me consumir por dentro. Pensei em rezar, mas não sabia se Deus tinha tempo para as orações de uma pecadora, mesmo que eu tivesse sido fiel durante toda a vida, mesmo que tenha sido criada dentro dos seus mandamentos. Mesmo que Ele fosse honrado e coberto por dinheiro sujo de homens que matavam e torturavam da pior forma possível. Naquele minuto, parecia que Deus teria mais compaixão dos assassinos e corruptos do que de uma grávida impura.

Abracei-me, sentindo o frio na carne dura, e me esfreguei. Foi nesse momento que a porta ao meu lado foi aberta e Bóris entrou.

Fiquei completamente parada, olhando para ele enquanto o via se virar na minha direção.

— Saíam — ele mandou, e todos se levantaram, incluindo Olga. — Olga, você fica. — Ela se sentou novamente, afundando-se no sofá.

Quando finalmente ficamos apenas os três, o silêncio imperou por alguns minutos.

Encarei meu marido, que antes era tão querido, e não consegui enxergá-lo com nenhum carinho. Bóris havia me traído antes de saber o que eu havia feito, e agora, mesmo que também tivesse errado, julgava-me e me punia.

— Então, agora, você é uma traidora? — Seu tom frio era como o de um completo estranho.

— Não muito diferente de você.

Minha acusação pareceu ofendê-lo.

— Eu nunca traí nosso acordo. Olga, como pode ver, não carrega um filho meu.

— Mas, ainda assim, você se deitou com ela antes mesmo que minha partida fizesse a cama esfriar, não?

— Um homem tem suas necessidades, Madelaine, mas você... O que mais você queria? Eu te dei tudo. Dei casa, comida, proteção. Providenciei seus luxos, fui cuidadoso como nunca, e, mesmo sim, você me traiu dessa forma...

Bóris colocava a situação em palavras de modo tão transtornado que parecia não perceber que vinha andando na minha direção. Parou perto o bastante para que eu pudesse sentir a raiva emanar de seu corpo, encarando-o olho no olho. Apesar de ele ter razão no que argumentava, eu não merecia ser condenada daquela forma. Não baixei a guarda.

— Eu te amei como nunca amei algo em toda a minha vida, Marie... — Sua mágoa me atingiu em cheio, como um soco inesperado bem no meio do estômago. Pude ver quando seus olhos se encheram d'água. Senti o tempo parar; minha boca se amargava com a humilhação. Bóris tocou meu rosto com a ponta dos dedos, e

não pude segurar o choro. As lágrimas queimaram minhas bochechas. — Como isso veio a acontecer?

— Eu quero meu pai — falei entredentes.

Queria dizer que Bóris merecia o que eu havia feito, mas, mesmo com a traição dele, não conseguia. A culpa era minha, a errada perante a minha criação era eu.

— Madelaine, me conte. O que houve naquela terra maldita?

— O olhar de súplica de Bóris era como um açoite.

— Eu me apaixonei, Bóris. E tentei lutar contra isso, Deus sabe que eu o fiz — respondi. Ódio dele, de mim, de Leonel e de Deus por ter me colocado naquela vida. — Mas não consegui. O

bastardo que eu carrego poderia ser o rei do mundo se quisesse, mas se me mandar embora agora, se me mandar para os meus pais, eu prometo que tiro essa criança.

— Você não entende, Marie? — perguntou, com o rosto próximo ao meu. — Quem é o pai?

— Não posso... — Neguei com a cabeça.

— Diga quem é, e eu te deixo ir.

Bóris segurou meu rosto entre suas mãos e esperou.

— Leonel. Leonel Luppolo. — O nome saiu dos meus lábios tão baixo, de forma tão suave, que, só então, a primeira lágrima rolou do rosto de meu marido.

De olhos abertos, Bóris tocou os lábios nos meus e, então, sem que eu recuasse, beijou-me de maneira fria, esquisita, quase inumana.

— Era melhor você não ter voltado — grunhiu. No segundo seguinte, sua mão estava no meu cabelo, puxando-me para

frente com tamanha violência, derrubando-me no chão e fazendo Olga gritar de susto junto comigo.

— Deixe-a, Bóris. Tenha misericórdia! — Ela se levantou em um pulo.

— Não foi tendo misericórdia de traidores que cheguei aonde estou — Arrastou-me pelo chão, abrindo a porta para sair. — E

Madelaine vai descobrir isso do melhor jeito.

Se um dia eu amara Bóris, aquela versão dele era a parte que meu coração nunca poderia acolher.

Arrastando-me na neve, mesmo sob meus protestos, ele me levou até o outro lado do terreno, encharcando minha roupa no processo, deixando-me com tanto frio que eu mal sentia o corpo da cintura para baixo.

Bóris entrou em um lugar escuro e malcheiroso, mas, conhecedor de onde estávamos, seguiu sem nenhuma dificuldade até o único ponto luminoso dali, jogando-me para dentro do que parecia ser uma cela muito mal iluminada pela luz que vinha lá de fora.

— Bóris — consegui dizer, mesmo tremendo de frio, dolorida e incrivelmente cansada. — Por favor, não me deixe aqui.

— Espero que as memórias com Leonel te aqueçam, porque é tudo o que vai ter durante o inverno. — Eu não via seu rosto, apenas ouvia a voz cruel.

Ele bateu a porta de ferro, deixando-me no chão, despedaçada e acabada, tão prisioneira quanto antes.

Como um pássaro com as asas cortadas, presa naquela cela gelada e escura, passei dias, semanas e meses. Depois de me recuperar da dor e do medo, a raiva me consumiu, e eu gritei dia e noite, gritei até minha garganta doer e sangrar. Joguei-me contra as paredes, esmurrei a porta; tornei-me cada vez mais animalasca.

Toda vez que vinham servir a refeição e abriam a porta, meus olhos eram machucados pela luz, e eu me encolhia.

A cada quinze dias, quando me levavam para uma outra sala para me darem banho e me examinarem, sentia o alívio de sair daquele lugar terrível, mas temia o próximo passo.

Éramos apenas eu e a criança dentro daquela cela. Havia principalmente medo, mas também um tênue fio de coragem que restava nas minhas entranhas.

O que Bóris tinha planejado? Qual a desculpa ele estaria dando pela minha ausência aos meus pais? Será que eles notariam algo? Será que, como nos contos de fadas que eu ouvia quando

criança, meu salvador chegaria no último segundo para me levar embora, cuidar dos meus ferimentos e me amar para todo o sempre?

Eu duvidava muito disso, ainda mais ali, entre dejetos, sentada no banco duro que era minha cama, enrolada em uma coberta grossa, tentando dormir enquanto o bebê se mexia dentro de mim.

Que futuro teria aquela criança?

Tentei me apegar à gravidez e, durante todos aqueles meses, a única conversa que tive foi com o bebê.

Confidenciei meus medos, minhas inseguranças, minhas tristezas. Conteí como era minha vida antes, conteí sobre como era seu pai, conteí como a vida podia ser bela longe daquele maldito submundo.

E, tendo apenas minha fé como luz no meio do breu, eu rezei por meu bebê. Rezei para que aquela criança nunca tivesse que passar pelo que eu passara, que ela fosse livre, que pudesse amar e ser amada, que não fosse corrompida e que sobrevivesse, independentemente dos planos de Bóris.

Foi no meio de uma dessas orações, no começo de uma manhã iluminada e muito fria, que comecei a sentir as dores do parto. Iniciaram-se as contrações, mas eu permaneci deitada, tentando segurar a dor, tentando ficar quieta. Eu já tinha visto outras mulheres parindo e, portanto, sabia que esse era só o começo.

No meio da tarde, a bolsa estourou.

Assim que me levantei, pensando ter vontade de urinar, senti o líquido escorrer pelas minhas pernas e, por um instante, desesperei-me. Ainda não era hora de o bebê vir ao mundo.

Na verdade, não sabia se queria que meu pequeno bebê vivesse naquele meu mundo.

Sem saber o que fazer, comecei a chorar, sentando-me novamente. As dores aumentavam. A cada contração, minhas costas doíam e meu corpo, entendendo o que acontecia, não me deu outra escolha a não ser gritar.

Gritei uma, duas, três vezes.

Um grito alto, forte, cheio de dor. Logo em seguida, a porta foi aberta.

O único soldado que vinha me dar assistência arregalou os olhos ao me encontrar naquele estado.

— Vou avisar o chefe. — Foi tudo o que ouvi da boca dele antes que a porta batesse novamente.

O céu começava a escurecer, a dor era insuportável, e meu bebê, meu pobre bebê, parecia que não queria nascer.

Fiquei de cócoras, agarrada ao banco; mordi o cobertor, fiz força, mas era inútil. E foi naquela posição que ele me encontrou.

Bóris entrou com um médico, e os dois me colocaram de pé.

— Dói! — eu gritei em meio ao choro desesperado. Não tive tempo nem cabeça para entender o que os russos falavam.

Permiti-me ser levada para fora, tropeçando nos meus próprios pés, sentindo as contrações vindo em intervalo menor.

Ali, no meio do caminho para a casa da fazenda, por onde Bóris me arrastara meses atrás sem me dar chance de fuga, caí de joelhos. Não aguentei dar mais um passo.

— Vai nascer! — Essa frase eu entendi perfeitamente.

Colocaram-me de barriga para cima, não obedecendo minha vontade de ficar de cócoras, e arrancaram minha roupa ali, na frente de quem quisesse ver. Tentei me cobrir, com frio, mas não consegui.

A contração levou o ar de mim, a força e qualquer pudor.

De repente, senti algo me cobrir. Olhei para o lado, encontrando Olga. Não consegui afastá-la. Não pude.

Principalmente depois que ela entrelaçou a mão na minha e demonstrou por meio do olhar o quanto desejava me dar apoio.

Agarrando sua mão com força, sentindo os pulmões queimarem, a coluna ameaçar se partir e meu quadril se arrebentar, fiz força mais uma vez. Um grito gutural cheio de alívio. O choro da minha criança se misturou ao meu.

— É uma menina. — Ouvi alguém dizer.

— Como ela é? — perguntei para Olga. — Deixe-me ver.

— Olga, leve a criança. — A voz de Bóris se fez ouvida pela primeira vez.

— O quê? — Ergui a cabeça. Tentei me sentar, mas fui impedida. — Não. Bóris, por favor, não — implorei, já vendo minha criança ser embalada. — Olga, pelo amor de Deus, não! — Olhei nos olhos da minha amiga infiel, tão molhados quanto os meus.

— Me perdoe — ela soprou quando foi puxada.

— MINHA FILHA! DEVOLVA MINHA FILHA! — gritei, tentando alcançar Olga de volta. Só conseguia ver a mãozinha suja de sangue para fora do embrulho. Meus dedos conseguiram tocar a barra do vestido dela, mas não tive forças para mantê-los ali, e ela se foi, mesmo perante meus gritos e súplicas. Levou minha menina, minha criança... para longe, para sempre. — Bóris, por favor, me devolva, me devolva minha filha — pedi, sentindo o médico mexer em algo dentro de mim. Era a placenta que faltava.

E então, mediante o choro e os pedidos quase mudos de exaustão, o médico se ergueu, dizendo algo que eu não consegui processar.

“Ele levou embora, levou embora”, era tudo o que eu conseguia murmurar. “Meu bebê. Ele levou embora.”

Eu nunca a seguraria em meus braços, nunca sentiria seu cheiro, nunca a amamentaria. Minha bebê, minha linda bebê, cuja cor dos olhos eu nem mesmo chegaria a conhecer.

Sentindo o corpo cansado além da conta, deitada no chão gelado sob o céu estrelado, suja de sangue, lama e lágrimas, eu soube.

Não havia depois. Ele havia me mantido viva para pegá-la de mim.

De olhos fechados, eu não reclamei quando ele segurou meu cabelo e me arrastou. Mesmo com o corpo se esfolando no chão cheio de pedras, mesmo com todo o frio que deixava meus pés e mãos dormentes, mesmo com toda a dor interna e externa por causa do parto.

Não havia mais nada dentro de mim.

Minha alma havia partido no momento em que levaram minha bebê embora; tanto que eu não reclamei quando fui posta sobre uma mesa. Senti mãos quentes e ásperas sobre o meu corpo. Nos braços, nas coxas, nos seios, no pescoço.

As risadas masculinas eram rudes, o sotaque forte me fazia entender muito pouco do que era dito.

Quando o primeiro deles me invadiu, abri os olhos, encarando a luz em cima de mim, tentando desligar-me do corpo, tentando evitar sentir cada uma das estocadas em meu sexo, em meu ânus.

O cheiro de sexo, sangue, vômito, urina e fezes intoxicavam meu olfato. A dor quando dois deles brigaram para abrigar o mesmo espaço ia muito além da que achei que pudesse suportar, mas eu não gritei, não lutei ou fugi.

Eu só queria morrer. E esse meu desejo, sim, Deus resolveu cumprir.

Eu não sabia se havia se passado uma hora ou mais, mas quando todos os homens terminaram de se satisfazer com meu corpo, Bóris se aproximou, e seu rosto era a única coisa que me fazia querer gritar.

Eu o odiava. Eu o queria queimando no inferno, mas não conseguia mais falar ou me mover.

Tudo em mim doía absurdamente. Meu ventre, meus seios, meus braços, pernas e garganta. Cheia de marcas das bocas e das mãos de outros homens.

Bóris tinha uma visão horrenda de mim, mas não pareceu se abalar. Dando a volta na mesa em que eu estava, ele se abaixou perto do meu ouvido e falou baixo:

— Já que você quis compartilhar seu corpo, achei justo deixar meus homens te provar, Marie. Espero que tenha aproveitado, porque hoje, com você, morre tudo de bom que já habitou em mim.

Antes que eu pudesse me esforçar para abrir a boca e responder, ele passou suavemente a faca na minha garganta, fazendo-me engasgar com sangue, enquanto o mundo finalmente começava a escurecer para todo o sempre.

Epílogo

*“Se percorrêssemos novamente  
Todo o caminho desde o início,  
Eu tentaria mudar  
As coisas que mataram nosso amor —  
Seu orgulho construiu um muro  
Tão forte que não consigo atravessar —  
Não existe mesmo chance  
De recomeçarmos?”*

### **STILL LOVING YOU, Scorpions**

Minha boa cadeira de couro deslizou perfeitamente quando me virei para encarar, através do painel de vidro atrás da mesa do escritório, a noite que caía em Nova Iorque. Fumando meu charuto, inalando o cheiro forte do fumo, repeti para mim mesmo o que vinha falando há alguns anos, mas com maior convicção:

— Você é o chefe, você faz o que precisa, quando precisa.

Soltei a fumaça com força.

Eu participara ativamente do golpe que massacrara as grandes famílias que comandavam a cidade. Mesmo que não reconhecessem, eu era quem unificara todos os que restavam e reerguera a Dark Hand. Apesar de a Cosa Nostra não gostar de perder sua legitimidade no nome mesmo do outro lado do oceano, eu mantinha a Família organizada; ainda mantinha nossas raízes fortes, honrando os compromissos com nossos compatriotas.

Parecia, contudo, que nada era bom o bastante, nem mesmo quando eu me casara com a filha do homem mais poderoso da cidade, ou quando colocara minha vida em risco todas as vezes que a organização havia precisado; ou quando, antes do esperado e

com mais brutalidade do que devia, treinara meu filho para ser melhor, mais forte e mais astuto do que eu.

Louis ainda era um enigma, não havia aberto a boca desde que voltara da iniciação. Pelo menos, não para mim. Era comum vê-lo me observar de longe, parecendo alerta o tempo todo, desconfiado de que eu poderia fazer-lhe algum mal ali, embaixo do teto de nossa casa.

Mesmo que tê-lo levado antes do tempo tivesse rendido ao meu filho marcas físicas e emocionais que nunca seriam tratadas, obrigando-o a virar homem antes do que era a tradição — mesmo tendo arranjado uma briga homérica com Fiama, ouvindo minha mulher praguejar por mais de um ano sobre como eu era um maldito

—, eu teria feito de novo e de novo.

Louis seria o dono de um império ainda maior, e eu não podia, de forma alguma, moldá-lo cheio de fraquezas. Meu filho precisava continuar minha missão, precisava ir além, e eu não me arrependia de ter tomado a decisão de levá-lo antes do tempo.

Meu pai havia me ensinado há muito tempo que não havia nada melhor do que perpetuar seu nome no poder. E se meu sobrenome continuasse, por muitas gerações, no topo da cadeia alimentar que impulsionava a cidade — o país —, eu não me importaria com o que diriam depois.

Eu representava a volta dos Luppolo ao poder, e meus filhos dariam frutos. Disso eu me certificaria pessoalmente, a vida toda.

Distraído, pensando em como o último ano havia sido proveitoso nos negócios — apesar de um verdadeiro inferno dentro de casa —, encarei o porta-retratos em cima da minha mesa, vendo a foto da família perfeita que eu havia criado debaixo daquele teto, que enganava tão bem quando estampada nas capas de revista e matérias de jornal.

Ah, se o tempo fosse outro... Teria dito ao meu pai que queria voltar para casa, que queria um pedaço da Cosa Nostra, e teria esperado por ela. A ruiva de olhos azuis e rosto fino, dos peitos perfeitos, da boceta macia... Eu não me lembrava da última vez que tinha fodido com Fiama, mas tratara de foder aquela francesa tantas vezes que, vez ou outra, ela ainda invadia meus sonhos.

Era uma pena que o maldito Petrowký a guardasse a sete chaves embaixo daquela camada de gelo maldita onde se escondia.

Era triste que ela não pudesse voltar. Eu teria dado o mundo para Madelaine se ela tivesse voltado, se tivesse me procurado, mas já se passava quase um ano sem nenhum contato; nem uma carta, um telefonema. Nada. Eu encarava isso como sua vontade de não levar adiante nada daqueles dias de verão...

Imerso nos meus pensamentos, não vi quando Fiama parou à porta. Ela não bateu, mas seus saltos contra o piso de madeira me fizeram erguer os olhos.

— O que é?

— Está ocupado? — Vestida com um conjunto de camisa branca e saia preta, com o cabelo preso para cima deixando o rosto bem à mostra, Fiama se sentou na cadeira em frente à minha mesa e cruzou as pernas antes que eu pudesse responder, pousando no colo uma carta já aberta.

— Não... — respondi enquanto analisava a situação.

— Ótimo, porque, se estivesse, teria que parar tudo agora.

— Só porque você resolveu finalmente falar comigo desde que trouxe Louis de volta?

— Pelo amor de Deus, Leonel! — Seu tom de voz aumentou.

— Você não ficou um ano inteiro sem ver seu filho, você não o recebeu todo machucado e estranho. Eu, sim. Louis ficou um mês inteiro na cama, você se lembra disso? Ou já esqueceu que fui eu quem o levou ao dentista para ver o que fazer com os dentes quebrados? Que fui eu quem o levou para fazer todos os exames, que acompanhei meu filho a cada minuto?

— Ele também é meu filho — falei, em um tom cansado.

— ELE É MEU FILHO! MEU! Você o levou e não teve piedade.

— HOMENS COMO NÓS, NO NOSSO NEGÓCIO

FAMILIAR, NÃO PODEM TER PIEDADE, FIAMA! — Bati com as mãos sobre a mesa, colocando-me de pé. Quando percebi, ela fazia o mesmo.

Havia ódio em seu olhar; mágoa e muitas outras coisas mais.

A íris verde-clara brilhava, e eu tinha certeza de que, se ela pudesse, me daria um tiro ali mesmo.

— Eu odeio o que você fez com meu filho. Matteo tem medo de você, e se você tocar nele como fez com Louis... — murmurou, como se fosse uma ameaça.

— Eu fiz o que precisava fazer. E eles são tão meus quanto seus. — Afastei-me dela e voltei a me sentar, largando o corpo sobre a cadeira e passando a mão sobre o rosto. — Se veio até aqui para brigar, espernear e gritar mais um pouco, dê meia-volta e feche a porta, Fiama.

— Não. — Ela engoliu em seco, olhando para baixo, para a carta em sua mão. — Eu... — Lambeu os lábios. — Vim atrás de uma solução, de uma trégua.

Ri baixo e debochadamente.

— Como é? — Ergui uma das sobrancelhas enquanto apoiava os cotovelos na mesa. — Você está querendo erguer a bandeira branca?

— É. E acho que, depois de ler isso, você também vai querer.

— Ela estendeu a carta para mim, claramente se segurando para não se descontrolar mais uma vez.

— Você já leu, pode muito bem me dizer o que é.

— É do meu pai. — Seu tom de impotência conquistou minha curiosidade, fazendo-me pegar a carta de sua mão de imediato. —

Ele quer Louis, quer meu filho para ele. Está nos dando o prazo de um ano para mandá-lo.

E então, desmoronou sobre sua poltrona.

Eu lia a carta de letra quase ininteligível, em que o homem mais impiedoso que eu conhecia pedia o que me era mais raro e precioso.

— Não. Não posso mandar Louis para isso — comentei baixo. — Já planejei sua vida bem aqui.

— Alguma vez você já ousou discordar dele? — Dessa vez era Fiama quem debochava de mim, com os olhos cheios d'água. —

Você acha que eu sou difícil, Leonel? Não sabe o que meu pai pode ser. Ele não vai aceitar um não como resposta. Desde o primeiro dia

em que soube que eu esperava Louis, o primeiro neto menino dele, ele vem planejando isso, eu sei.

— Seu pai está aposentado, não? Por que quer levar Louis para apresentar para a Cosa Nostra assim? Que história é essa de novo império?

— E homens como vocês param de ser o que são algum dia na vida? Alguém nesse meio tem a chance de sair? Eu não sei o plano dele, mas... Se dermos Louis, nós o perderemos para sempre.

— E se não dermos...

— Eu não gostaria de descobrir. Existem homens demais devendo favores ao meu pai.

Larguei a carta amassada em cima da mesa e me recolhi em silêncio por alguns minutos.

— Ele nos deu um ano, precisamos tentar reverter isso.

— E se não pudermos? — O olhar dela era perdido, de um modo como eu nunca havia visto antes. — Terei que fingir que meu filho morreu? Porque, sinceramente, eu mal posso reconhecer a criança que você me devolveu — suspirou. Moveu a cabeça, e os cabelos, que não estavam presos direito, soltaram-se, caindo até o meio das suas costas.

Ali eu via a bela mulher com a qual eu me casara, mas desarmada daquela força e teimosia que eu conhecia tão bem.

Fiana parecia cansada, fraca, quase quebrada.

— Por favor — ela pediu —, não me deixe passar por isso tudo sozinha.

Levantei-me, indo até ela e me ajoelhando à sua frente.

Toquei seu corpo como não fazia há meses. Abracei sua cintura, aspirei o perfume que ela usava quando seu rosto se aproximou do meu, senti sua respiração contra o meu rosto.

— Eu prometo, vamos fazer isso juntos. Nossa família sempre será minha prioridade. — E era verdade, meu sangue e minha mulher sempre teriam minha lealdade. A minha missão era ser o melhor que pudesse, não só para eles, mas para a organização, mesmo que isso me tornasse carrasco perante alguns

olhos. Era questão de sobrevivência, e tudo o que eu fazia tinha o propósito de garantir um futuro próspero.

Fiana encostou a testa na minha e colocou as mãos macias em meu rosto, mantendo os olhos fechados enquanto

chorava silenciosamente.

— Senhor. — Ouvi Edgar bater à porta e me virei para olhá-lo, dando permissão para que ele falasse. — Chego com notícias não muito boas. O senhor Callegari acaba de ligar; pediu para dar o recado de que a senhora Madelaine Petrowký faleceu há alguns dias, após dar à luz uma linda menina. Quer que eu mande algo?

Uma bola gigantesca se apossou da minha garganta, e, por um segundo, foi como se o mundo ao meu redor tivesse parado de girar.

— Pobre Madelaine! — Fiama disse, colocando as mãos sobre o rosto. — Dando à luz? Tem mais detalhes disso, Edgar?

Apesar de estar ali, eu não consegui ouvir mais nada no meu esforço sobre-humano de não demonstrar a ira que crescia dentro de mim.

A francesinha havia morrido! Havia dado uma criança à luz e morrido...

Minha cabeça deu um nó. Será que...? Não... Não! Eu havia sido cuidadoso, não podia ser... Ou podia?

Engoli a dúvida, o choque, e qualquer outra emoção que pudesse me denunciar. Com a certeza de que minha voz sairia firme, solicitei:

— Mande flores e um recado singelo de pêsames, por favor, Edgar.

Logo que meu funcionário se virou, Fiama jogou os braços ao meu redor e me abraçou firme.

— Vamos fazer tudo ficar bem de novo, por favor — ela me pediu.

Eu balancei a cabeça, sabendo que, junto com Madelaine, morria qualquer chance de eu ser infiel ao meu casamento de novo.

Obrigada por ter dado oportunidade ao meu trabalho!

Para conhecer mais das minhas obras e ficar por dentro das novidades, me siga nas redes sociais!

Siga-me nas redes sociais!

Spotify: **Zoe X Autora**

Instagram: @\_mynameiszoex

Página do Facebook: **Zoe X - Autora**

Grupo para leitores no Facebook: **Mafiosas da Dark Hand**

E-mail: **zoex.autora@gmail.com**